



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ADRIELY SAMARA LEITE

**LETRAMENTO: A PRÁTICA DE LEITURA DOS ALUNOS DO ENSINO
MÉDIO**

Itaituba

2016

ADRIELY SAMARA LEITE

**LETRAMENTO: A PRÁTICA DE LEITURA DOS ALUNOS DO ENSINO
MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Faculdade
Itaituba para obtenção de título de Licenciado do Curso de
Licenciatura Plena em Letras da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Prof.^a. Especialista Maria Danielle Lobato Paes

Itaituba
2016

ADRIELY SAMARA LEITE

**LETRAMENTO: A PRÁTICA DE LEITURA DOS ALUNOS DO ENSINO
MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Faculdade
Itaituba para obtenção de título de Licenciado do Curso de
Licenciatura Plena em Letras da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Prof.^a Especialista Maria Danielle Lobato Paes

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____

Prof.^a Djalmira de Sá Almeida, Dra.

Avaliadora: _____ Nota: _____

Prof.^a Railane Esmeralda Cruz Figueira, Esp.

Orientadora: _____ Nota: _____

Prof.^a Maria Danielle Lobato Paes, Esp.

Resultado: _____ Média: _____

Data: 29 de dezembro de 2016.

*À minha família, que é minha base. Dedico-
lhes essa conquista como gratidão.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, por ter me concedido saúde, sabedoria e disposição para alcançar mais uma vitória em minha vida, pois sem ele eu não teria a oportunidade de vencer mais um desafio na carreira profissional que almejo. A minha avó Maria de Fátima Leite, que me criou com muito amor, me educou com princípios, me ensinou a ser uma pessoa honesta, e buscar meus sonhos com determinação e humildade, ainda que seja com muito trabalho, mas sempre respeitando o meu próximo.

Agradeço também o meu marido Magson Almeida que me apoiou nos momentos mais difíceis dessa etapa acadêmica, que ficou do meu lado quando as dificuldades apareceram e não desistiu de mim. À minha família por estar ao meu lado todo esse tempo me dando força, apoio e me passando confiança.

Agradeço também a Instituição de Ensino Superior Faculdade de Itaituba que me acolheu como acadêmica, e que me oportunizou a realizar um sonho no curso que tanto desejava. Aos professores de todas as disciplinas do curso de Licenciatura Plena em Letras que de forma humilde procuravam ajudar com alguma dificuldade que eu enfrentava. Minha eterna admiração para todos os funcionários da Instituição.

Agradeço grandemente a professora Orientadora Maria Danielle Lobato Paes, pelas orientações, a paciência, a compreensão que teve comigo durante o período em que estive realizando esse trabalho. O profissionalismo, a humildade, o carisma, que serviu para mim como exemplo de pessoa a seguir. Também agradeço as oportunidades que me deu para progredir durante todo esse percurso de lutas. O imenso prazer e satisfação de tê-la como professora Orientadora, vai deixar eternamente uma gratidão.

Agradeço também os meus amigos de dentro do ambiente acadêmico como os de fora, por terem confiando em mim, e por sempre terem me dado forças para não desistir. Em especial, quero agradecer a minha amiga e colega de classe Mirelle Dayara, que me ajudou em momentos de dificuldades durante todo o curso, que me incentivou a não desistir e lutar pelos meus sonhos.

Agradeço a todos em geral de forma direta e indireta que contribuíram para que eu realizasse mais um trabalho, por acreditarem no meu potencial, por serem

Agradeço a todos em geral de forma direta e indireta que contribuíram para que eu realizasse mais um trabalho, por acreditarem no meu potencial, por serem mais que amigos, por estenderem a mão quando não havia mais esperanças, e acima de tudo por confiarem do que eu seria capaz.

O verdadeiro analfabeto é aquele que saber
ler, mas não lê.

"Mário Quintana"

RESUMO

O presente trabalho se volta em torno da prática do letramento com ênfase sobre o uso da leitura que o indivíduo faz no âmbito escolar e fora dele, verificando não somente o domínio de codificar palavras, mas o resultado deste depois de possuir essa competência. Dessa forma, tais objetivos são necessários: compreender historicamente o que é letramento, conhecendo as diferenças e relações existentes entre alfabetização e letramento, mostrar os níveis de leitura no ambiente escolar e no cotidiano, exemplificar a variedade de gêneros que a sociedade possui e analisar o grau de letramento do aluno. Em relação à metodologia, optou-se em primeiro momento pela pesquisa bibliográfica, com obras de vários autores, e pesquisa de campo, com uma abordagem quantitativa na aplicação de questionário fechado. Este questionário foi realizado em uma turma de cada série do Ensino Médio, na Escola Estadual Prof.^a Maria do Socorro Jacob. Portanto, o objetivo da pesquisa de campo foi coletar dados do uso frequente da habilidade de leitura dos alunos, identificando se eles possuem o hábito de ler os variados tipos de gêneros e compreendê-los, pois, leitura praticada diariamente de forma competente possibilita uma escrita melhor, e conseqüentemente uma oralidade melhor.

Palavras-chave: Letramento. Leitura. Objetivo. Metodologia. Pesquisa.

ABSTRACT

The present work focuses on the practice of literacy with emphasis on the use of reading that the individual does in the school environment and beyond, verifying not only the domain of coding words, but the result of this after having this competence. Thus, these objectives are necessary: to understand literacy literally, to know the differences and relationships between literacy and literacy, to show reading levels in the school environment and in everyday life, to exemplify the variety of genres that society possesses and to analyze the Degree of literacy. Regarding the methodology, it was first chosen by the bibliographic research with the thesis of several authors, and field research, with a quantitative approach in the application of a closed questionnaire. This questionnaire was carried out in a class from each high school series, at the State School Prof.^a Maria do Socorro Jacob. Therefore, the objective of the field research was to collect data from the frequent use of reading ability of the students, identifying if they have the habit of reading the different types of genres and understand them, since reading practiced daily in a competent way allows a better writing, end consequently better orality.

Key Words: Literacy. Reading. Goal. Methodology. Search.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Sexo dos entrevistados.....	37
Gráfico 2 – Faixa etária dos entrevistados.....	37
Gráfico 3 – Alunos que gostam de ler.....	38
Gráfico 4 – Alunos que frequentam diariamente bibliotecas para locar livros.....	39
Gráfico 5 – Alunos que têm o hábito de ler livros em casa.....	40
Gráfico 6 – Alunos que costumam ler a bula.....	41
Gráfico 7 – Alunos que já leram algum e-mail enviado pela internet.....	42
Gráfico 8 – Alunos que leem textos grandes por vontade própria.....	43
Gráfico 9 – Alunos que compreendem o que leem.....	44
Gráfico 10 – Alunos que já leram alguma receita culinária.....	45
Gráfico 11– Alunos que já leram trechos da Bíblia em voz alta.....	45
Gráfico 12 - Durante o tempo livre dos alunos.....	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1 LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO.....	13
2.2 PRÁTICAS DO LETRAMENTO.....	18
2.3 NÍVEIS DO LETRAMENTO.....	23
2.4 OS GÊNEROS DO LETRAMENTO.....	27
3 METODOLOGIA	33
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	33
3.2 COLETA DE DADOS.....	34
3.3 AMBIENTE DA PESQUISA.....	35
3.4 PERFIL DOS ENTREVISTADOS.....	36
4 RESULTADO E DISCUSSÃO.....	38
5 CONCLUSÃO.....	48
REFERÊNCIAS.....	49
APÊNDICE.....	51

1 INTRODUÇÃO

Durante longos anos se teve dúvidas sobre o ensino na escola em relação a dois processos chamados "letramento e alfabetização". Mas atualmente, a discussão em cima desse tema ainda não tem sido totalmente esclarecida, pois, muitos educadores além de sentirem dificuldades de diferenciá-los e conciliá-los, não conseguiram resolver o problema que um deles abordam com muita preocupação.

Em primeiro momento é de suma importância que fique claro que os dois processos citados precisam ser trabalhados de forma intensificada para a melhoria do ensino, entretanto, o foco do estudo se volta sobre termo "letramento". Este por sua vez, envolve um leque de situações e fenômenos em que o uso da leitura e apropriação da escrita no âmbito escolar e principalmente fora dele são questionados.

O ponto que mais se atenta nesse estudo, com bastante relevância é a leitura, que para muitos educadores apresentava apenas o objetivo de fazer o aluno codificar as palavras nas séries iniciais, depois ele estaria competente para fazer a compreensão e interpretação de qualquer texto. Todavia, percebe-se que hoje a escola e a sociedade precisam oferecer condições e motivar a leitura de todos os tipos de textos escritos, pois, somente assim o educando progrediria.

O não uso da leitura e a falta de escrita têm gerado consequências para os jovens que querem ingressar em uma faculdade e obter um trabalho. Assim, fica explícito que ler e escrever não são apenas um conjunto de habilidades que existem para se comunicar, mas também são necessários para se ter uma profissão, para manter uma estabilidade financeira que muitos visam durante o trajeto de vida.

Como a sociedade vai evoluindo, o grau de letramento é aumentando, e a escola necessita preparar os alunos para as exigências que são feitas, por isso tamanha importância do uso da leitura no cotidiano dos jovens, das crianças e dos adultos.

O estudo tem como principal objetivo fazer a reflexão sobre essas questões abordadas, mostrando que os alunos que estão no Ensino Médio, que passaram pelo processo de alfabetização, não praticam essa habilidade que possuíram, já que além, de não procurarem fazer uma leitura por vontade própria, sem que os professores obriguem, não conseguem compreender o que leem.

Para que seja possível perceber essa realidade, que não passa muito longe da educação brasileira foi preciso realizar dois tipos de pesquisas: a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica se embasou em autores com obras voltadas para o tema tratado, e a pesquisa de campo se voltou para questionários para alunos do Ensino Médio.

Em tal caso, a estrutura desse estudo está organizada primeiramente com a fundamentação teórica que vem tratar como se deu início do letramento em seu processo histórico, juntamente com as diferenças e relações entre alfabetização e letramento que é de suma importância, já que apesar de distintas, uma complementa a outra.

Depois de esclarecido e compreendido o letramento, o próximo tópico que compõe a fundamentação teórica são as práticas de letramento, que envolvem duas habilidades: a leitura e escrita. Estas, por sua vez, sendo práticas escolares e sociais, que estão dentro da sociedade, e dentro do âmbito escolar, se tornam mais amplo o estudo do letramento.

Os níveis do letramento é outro tópico abordado. Este por sua vez, se volta para o uso da habilidade de leitura na sociedade. E que, as exigências que a sociedade faz geram um nível maior de leitura que o indivíduo precisa adquirir, nesse sentido, de nada adiantaria saber ler e escrever, nem muito menos ter um nível de escolarização alto, se não faz o uso dessa habilidade no seu cotidiano obedecendo a demanda que a sociedade impõe.

Quando se fala na leitura e escrita dentro da sociedade, o que se pensa são nos vários gêneros que existem, mas não são usados, e alguns nem conhecidos. Portanto, foi necessário um tópico finalizando a revisão literária com esse assunto, pois, se o letramento envolve a prática de leitura, é preciso deixar nítido que se trata de uma leitura que venha contribuir para o nível do aluno, que ela possa sentir vontade de ler, e que consiga compreender.

No que se refere à segunda parte do estudo, à metodologia, será finalizado apresentando o tipo de pesquisa que foi realizado, de que forma se deu a coleta de dados, uma descrição do ambiente de pesquisa, o perfil dos entrevistados, e o resultado e discussão da pesquisa de campo. A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Médio Professora Maria do Socorro Jacob, com aplicação de questionário fechado para alunos do 1º, 2º e 3º ano para obtenção dos resultados.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

Observa-se que a palavra letramento abrange vários conceitos, e é um termo na Língua Portuguesa de pouco conhecimento pela sociedade, já que, só veio surgir na educação pela preocupação do ser humano de não fazer o uso da habilidade de leitura diariamente. Dessa forma, percebe-se que com o tempo a prática de leitura se tornou muito mais importante do que apenas saber ler.

Para Soares (2009) a palavra letramento é nova no vocabulário da educação e das ciências linguísticas e ainda não está dicionarizada, pois, somente na metade dos anos 80, que veio ser introduzida nos discursos dos especialistas dessas áreas. No entanto, Brasil (2006) informa que o termo "letramento" foi tomado da linguística, sendo bastante falado entre os professores, inclusive que, embora seja novo, não significa que não seja bastante usado.

Marcuschi (2007) ao falar de letramento, também relata que a expressão "letramento" entrou na língua portuguesa meados dos anos 1980, e hoje se tornou bastante comum, mas nem sempre de forma objetiva. Já que Kleiman (2005) discorre que diante essas considerações o conceito letramento já entrou em discurso escolar, mas foi utilizado por diversas áreas, causando confusão.

Percebe-se então, com os autores citados, uma abordagem sobre pessoas que sabem da existência do termo letramento, mas não sabem de certa forma o que é, e para o que serve. Assim, para se chegar aos conceitos de letramento primeiramente se deve saber do surgimento desse termo, baseando-se pela seguinte pergunta: O porquê de ele surgir?

O surgimento do letramento ocorre a partir de novos fatos, novas ideias, formando a necessidade de criar novas palavras. E como o mundo evolui e as coisas mudam, o ser humano sempre busca nomes e razões para o que acontece em sua volta (SOARES, 2009, p.34).

Nessa situação a autora conceitua o letramento como a versão para o português da palavra da língua inglesa "*literacy*". Em que tal palavra vem do latim "*littera*" (letra) com o sufixo - "cy". Acrescenta seu discurso ressaltando que "*literacy*" designa o estado ou condição do indivíduo que é "*literate*", ou seja, a pessoa que domina a leitura e escrita.

Em outras palavras, "literacy" não é aquela pessoa que sabe apenas ler e escrever, mas faz o uso competente e frequente da leitura e escrita. Que se apropriando da escrita e leitura só explica o domínio desta, não significa que o indivíduo a pratica diariamente. E é nesse contexto que se explica o motivo pelo qual houve a palavra letramento.

Para Carvalho e Mendonça (2006), o termo letramento foi criado quando se passou a entender que na sociedade era insuficiente apenas o aprendizado das letras. Entretanto, conforme Kleimam (2005), o conceito de letramento surge como uma forma de explicar o impacto da escrita em todas as esferas.

Santos e Mendonça (2007) destacam que "Letramento" é um termo relativamente recente, visto que surgiu há cerca de 30 anos, e nomeia o conjunto de práticas sociais, de uso da escrita em diversos contextos socioculturais. Assim, o letramento surgiu para explicar os vários eventos que lidam com a escrita.

Soares (2003) afirma que o fenômeno do letramento só veio ser visto depois de superado o analfabetismo, pois antes o problema era apenas o "estado de analfabeto", e não possibilitava perceber essa outra realidade de "estado de quem sabe ler e escrever".

Com tais motivos explícitos, chega-se a vários conceitos em que, Marcuschi (2007), entende o letramento como às práticas discursivas que fazem o uso da escrita. Enquanto, Kleimam (2005), enfatiza o letramento como uma criação para se tratar do uso da escrita e leitura não só dentro da escola, mas em todo lugar, pois, a escrita faz parte do cotidiano.

Ifouni (1994) conceitua letramento como um processo de natureza sociohistóricas. A autora se opõe a alguns conceitos criados que determinam o letramento como sinônimo de alfabetização. E ainda ressalta, que é diante de tantos conceitos sobre o termo letramento que causa uma grande complicação para seu entendimento.

Pode-se notar com isso, de forma nítida, que o letramento circulava no meio social mesmo antes de surgir esse termo nas ciências, mas ainda, não havia ganhado um nome para ser dicionarizado, e quando foi criado, vários autores apresentavam pontos de vista diferentes em torno do nome letramento, o que foi mais um motivo para ser difícil de ser conceituado.

Conforme Mendonça (2015), o termo letramento são as práticas sociais que envolvem a leitura ou a escrita. Ou seja, assim como também para Soares (2009), o

sentido de letramento designa práticas de leitura e escrita, na qual o aluno precisa saber fazer uso e envolver-se nas atividades de ler e escrever.

Perante tais conceitos, percebe-se o quanto é vasto o número de autores que se dispõem a conceituar o letramento, alguns relacionando, complementando, concordando suas ideias dentro do contexto da leitura e escrita, e outros discordando formando seu próprio entendimento sobre as discussões em cima do termo.

De acordo com Soares (2003), nos Estados Unidos e Inglaterra a palavra *literacy* já existia dicionarizada, mas foi em 1980, que a palavra foi foco de atenção para estudos, no mesmo período que a invenção chegou ao Brasil e foi sendo conhecida. Diferente dos outros países, no Brasil, a palavra letramento e alfabetização se mesclam, e muitas vezes se confundem.

Soares (2009) complementa seu estudo afirmando que nesses países de primeiro mundo a preocupação não é com o nível de analfabetismo e sim com o nível de letramento, com a dificuldade que os jovens e adultos enfrentam para o uso da leitura e escrita. E diante disso, Santos e Mendonça (2007), relata que no Brasil o termo letramento não substituiu a palavra alfabetização, mas aparece associada a ela.

Nota-se, portanto, os motivos a qual surgiu a palavra letramento e os conceitos que se teve, mas é preciso ainda entender e diferenciar letramento de alfabetização de uma forma aprofundada, já que, este ainda é um desafio para muitos educadores, que por muitas vezes não conseguem compreender.

Se a palavra letramento parece ser estranha, outros termos como alfabetização, alfabetizado, analfabetismo, analfabeto, sempre foram conhecidos na Língua Portuguesa. Com isso, Santos e Mendonça (2007), consideram que definir termo de "alfabetização" parece desnecessário, pois qualquer pessoa responderia que é a ação de ensinar a ler e escrever.

Kleimam (2005) afirma que o letramento não é alfabetização, mas a inclui, já que, no momento de ensinar a ler e escrever, de imediato o aluno já está participando do "processo de letramento". E ainda ratifica que letramento significa compreender o sentido, numa determinada situação, de um texto ou de qualquer produto cultural escrito.

Soares (2009) concorda ao afirmar que letrar é mais do que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever, mas que tais competências tenham sentido para o

educando, na qual ele pratique na sua vida, isto é, o aluno precisa também compreender o que ele lê, diferenciando tipos de textos e fazer relações entre eles.

Observa-se que Soares (2009), tem uma visão mais ampla sobre o indivíduo letrado, lembrando-se que esse termo “letrado” a autora usa vindo do termo letramento, diferente do que está dicionarizado que significa “uma pessoa erudita, versada em letras (letras significando literatura, línguas)”.

Um assunto abordado com bastante relevância é o fato de uma pessoa ser letrada e não ser alfabetizada e vice-versa. O primeiro caso é de uma pessoa saber diferenciar os tipos de gêneros, saber fazer o uso deles, mas não ser alfabetizada, diferente de outras pessoas que são alfabetizadas, mas não letradas, sabendo ler e escrever, porém não sabendo sequer preencher um formulário, redigir um currículo, etc.

Gomes (2009) quando se refere a letramento e alfabetização, afirma que são dois processos que envolvem não apenas crianças das séries iniciais, mas também jovens, adultos, e toda uma população que vive em volta da leitura e escrita. Assim, são processos diferentes, mas também complementares, apesar de que o conceito de alfabetização por muitos anos, ficou associado com a ideia de se saber ler e escrever (codificação e decodificação).

É notório que com o tempo não foi suficiente apenas saber ler e escrever, era necessário o uso frequente dessa habilidade, o que é chamado de letramento. Nesse caso, o letramento e alfabetização sendo processos diferentes, fez-se necessário que os dois tenham uma combinação de “alfabetizar letrando”, ou seja, fazer com que o aluno se alfabetize no ambiente escolar convivendo com vários textos diferenciados para que pratique diariamente.

Nesse mesmo raciocínio, Soares (2009) distingue a alfabetização de letramento, mostrando uma visão ampla sobre o indivíduo alfabetizado e letrado:

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado, alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever, já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita (SOARES, 2009, p. 39-40).

Percebe-se que, para a autora letrar não é igual alfabetizar, já que, o educador precisa ensinar a ler e a escrever de um modo que faça sentido e esteja situado na realidade do educando. A nosso ver, para se criar um indivíduo leitor não

basta apenas saber ler, é necessário que ele também participe dessa prática diariamente.

Para Gomes (2009) é por esse motivo que se tem a diferença de letrado para alfabetizado, pois são processos que se distinguem, cada um com suas particularidades, mas que se associam, se complementam e são indispensáveis. Os educadores têm grande dificuldade de conciliar uma com a outra, e entender que são importantes, sabendo valorizar os dois processos.

Portanto, ler vai além de decifrar códigos linguísticos, ler envolve o ato de o aluno construir sentido a partir do texto. Embora conhecer as letras e decifrar os códigos sejam conhecimentos essenciais para a leitura e escrita, ainda assim, não é suficiente para ser considerado um leitor competente, pois, um aluno pode saber decifrar as letras, mas pode não ter conseguido a competência para interpretar o que diz.

Por outro lado, ocorre o fato do aluno não saber o código da escrita, mas quando se depara com mensagens interpreta seu significado se tornando um letrado analfabeto. Diante disso, o que se pode observar é que existem casos de alunos que são alfabetizados, mas não são letrados, e aqueles que são letrados, mas não são alfabetizados.

O aluno quando se envolve no mundo da leitura e escrita através dos pais, ele começa a aprender muito antes de ir para a escola. As experiências vividas por ele muito antes de entrar na escola possibilitam uma prática de letramento. Assim, a função da escola é ensinar a criança a ler e a escrever, tornando um cidadão letrado.

Conforme Kleimam (2005), quando o conceito de letramento é oposto de alfabetização, ele é equivalente como métodos globais, isto é, a palavra letramento sozinha é entendida com base nos morfemas “letra – mento”, um método baseado primeiramente na palavra “letra”, e surge a dúvida do que significaria a outra sílaba. Contudo, a autora afirma que não existe um método de letramento, nem um nem vários.

O significado de letramento segundo Soares (2009), tem sentido, já que, “letra” significa *littera*, e o sufixo “mento” indica o resultado de uma ação, por isso, que letramento é ação de se tornar letrado, existindo sim um significado em seu conjunto de palavras.

Carvalho e Mendonça (2006) relatam que o letramento pode ser considerado um processo complexo, que quase sempre é visto como associado à alfabetização. No entanto, existem letramentos de formas variadas, sem a presença da alfabetização, com autores de conceitos diferentes, concluindo que seja um processo histórico-social.

Soares (2009) afirma que a diferença entre alfabetização e letramento também fica clara na área das pesquisas, pois quando são realizadas pesquisas para saber o número de crianças, que nas series iniciais conseguem ler e escrever, esse tipo de pesquisa é chamado de alfabetização. Quando se trata de pesquisas em que procuram identificar o uso das práticas sociais de leitura e escrita em determinado grupo é nomeado de letramento.

Diante de várias diferenças e semelhanças de letramento e alfabetização é possível observar, que o letramento envolve práticas sociais de leitura e escrita, e essa questão é bastante complexa, pois, segundo Soares (2009) é difícil diferenciar o alfabetizado do letrado, porque o letramento envolve dois fenômenos bastante diferentes, a leitura e a escrita, com conjuntos de habilidades totalmente diferentes.

A leitura e a escrita, são habilidades que diariamente envolvem o indivíduo na sociedade, por esse motivo, o letramento é entendido também como práticas sociais. Essas práticas levam o indivíduo a pratica de ler e escrever, conforme suas necessidades e a conforme a demanda social. Assim, pode-se observar que o letramento não é simplesmente a pratica de ler e escrever na escola, não está limitado apenas com o processo de alfabetização, mas é também a sua prática social.

2.2 PRÁTICAS DE LETRAMENTO

As práticas sociais, por sua vez, envolvendo a prática de leitura e escrita e fazem o termo letramento ser bastante complexo. Com isso, é necessário observar que esse fenômeno se relaciona por completo, no ato de ler e escrever, revelando a explicação para um indivíduo que vive em um ambiente na qual, a escrita e leitura é constante, mas não é alfabetizado.

A leitura e escrita são duas habilidades bastante diferentes que o ser humano adquire com o tempo. E Soares (2009), explica que ler é o conjunto de habilidades e comportamento que começam desde o momento que a pessoa decodifica as

sílabas, até ler uma obra mais ampla, ou seja, a pessoa pode ser capaz de ler um bilhete, mas não ter competência para ler um romance.

Na escrita, a autora supracitada, aborda que é um conjunto de habilidades e comportamento que começa desde escrever o próprio nome até escrever uma tese de doutorado, a pessoa pode ser capaz de escrever um bilhete, mas não ser capaz de defender um ponto de vista.

Percebe-se que existem diferentes tipos de letramento, dependendo de vários fatores como a cultura, o contexto social, etc. A verificação de habilidades cada vez se torna mais exigente, pois antigamente, considerava-se um analfabeto, aquele incapaz de ler e escrever o próprio nome, depois a verificação se tomou maior, desde codificar o próprio nome até a capacidade de usar a leitura e escrita para uma prática social.

Santos e Mendonça (2007), também entram na discussão das práticas* do letramento, relatando que o processo de letramento com a prática de leitura e escrita sempre existiram em nossa sociedade letrada, a diferença é que se passou a ter o conceito teórico desses processos. Diante disso, revela-se que a prática do letramento é muito mais ampla que alfabetização, pois, não inclui só o domínio da escrita, mas também o impacto que ela advém.

Kleiman (2005) afirma que quando se ensina uma criança, um jovem ou um adulto a ler e a escrever, esse indivíduo está conhecendo as práticas de letramento da sociedade, está em "processo de letramento" como citado anteriormente. E que, se considerarmos que as instituições sociais, usam a escrita de forma diferente, em práticas diferentes, seria cabível dizer que a alfabetização é uma prática de letramento que faz parte do conjunto de práticas sociais.

No entanto, o ato da leitura e escrita está constantemente inserido no meio social e escolar do indivíduo, mostrando que o letramento é mais do que, prática da leitura, é também eventos que ocorrem, sendo entendido como processos, não como produto isolado.

A autora ainda aborda, que alguns pesquisadores como o Sociolinguístico Davis Barton e o Antropólogo Street, se opõem ao uso do termo letramento, e que sentiram falta de um novo termo para designar um novo conceito nos seus trabalhos, usando hoje "*literacies*", ou seja, letramentos no plural, já que antes, o termo no singular não era suficiente.

Essa mudança se deu através de observar que a alfabetização também é uma prática de ler e escrever, no entanto, seria parte da prática de letramento um conjunto de práticas sociais que se uniriam em "letramentos". É possível observar de imediato, que o termo letramento estaria ligado a um processo mais amplo do que apenas a prática de ler e escrever.

Soares (2009) afirma que o correto seria usar "letramentos" no plural, já que abrange também professores de outras matérias, não seria responsabilidade apenas da Língua Portuguesa das séries iniciais ou avançadas, mas de todos que trabalham com seus alunos a leitura e escrita. Percebe-se então, que cada professor tem função de promover o letramento, seja ele historiador, geógrafo ou matemático, por exemplo, todos têm um letramento na sua área de conhecimento.

A autora propõe que é preciso possibilitar condições de letramento para todos, já que não seria coerente letrar no ambiente escolar, e no cotidiano não fazer uso dessa prática. Sabe-se desse modo, que o aluno participa de eventos da sociedade, ao ler um anúncio ou quando escreve um bilhete, mas para desenvolver uma competência mais ampla de leitura e escrita, é necessário que ele faça leituras de textos dessa mesma natureza diariamente.

Conforme Marcuschi (2007) a prática social se manifesta de duas formas: como atividade oral e atividade escrita. No entanto, a partir desse ponto, observa-se que quando se trata de fala e escrita, notam-se aspectos ligados a linguística. E quando se trata de oralidade e letramento, o ponto que é de bastante interesse para a pesquisa, relaciona-se com as práticas sociais, ou práticas discursivas nas duas modalidades.

O termo letramento conceituado anteriormente por Marcuschi (2007), relata também a habilidade de ler e escrever enquanto práticas sociais, já que, enquanto a alfabetização é tida como o processo de ensino dentro da escola, o letramento é o ensino formal e informal da leitura escrita, sem que haja o aprendizado escolar.

Diante desse raciocínio, é notório de que existem vários letramentos, que começam desde um domínio pequeno e básico da escrita, até um domínio muito grande e formal, como pessoas com formação culta. Alguns nunca entraram em uma escola e sabem noções de matemática, identificar gêneros, somente por participar das práticas sociais que a sociedade envolve o indivíduo.

As práticas de letramento fora da escola são colaborativas, enquanto dentro da escola é individual, característica própria da alfabetização. As ocasiões em que o

aluno participa fora do ambiente escolar, ao compreender um texto, ao discutir uma notícia, são chamadas de eventos de letramentos que fazem parte da vida social do indivíduo (KLEIMAN, 2005, p. 23).

Soares (2003) retrata que embora esteja tudo ligado nas práticas sociais de leitura e de escrita, percebe-se que a concepção de letramento está associada não como as próprias práticas de ler e escrever, ou os eventos relacionados com o uso e função dessas práticas, ou ainda o impacto ou as consequências da escrita sobre a sociedade, mas, além disso, o estado ou condição de quem exerce as práticas sociais de leitura e de escrita, de quem participa de eventos em que a escrita é parte inserida da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa interação, chamado os eventos de letramento.

Soares (2009) complementa ainda que, existem diferenças entre eventos de letramento e práticas sociais, isto é, o conceito de práticas de letramentos permite os eventos de letramento e de certa forma são interligadas. A autora ainda se aprofunda ao afirmar, que os eventos e práticas de letramentos dentro da escola são metodologias relacionadas com objetivos pedagógicos, ou seja, atividades de leitura e de escrita manipuladas.

De outro lado, têm-se eventos e práticas de letramento fora do ambiente escolar que ocorre a partir da vida social, na qual o indivíduo é obrigado a envolver-se nessas práticas para trabalhar, ou até mesmo de forma espontânea e sem perceber, se envolvem nessas práticas para se divertir e passar tempo.

Marcuschi (2007) reforça a ideia afirmando que os eventos de letramento são atos comunicativos mediados por textos escritos, ou seja, a escrita no momento que é compreendida, e partilhada e se torna um evento de letramento no meio social. No entanto, a escrita como evento de letramento, vai muito mais do que apenas uma prática social, se torna também uma "prática comunicativa".

E quando se fala em prática comunicativa é impossível não mencionar a oralidade. Marcuschi (2007) ao tratar desse tema, diferencia oralidade de letramento afirmando que a oralidade é a fala que não se ensina igualmente a escrita, pois a fala é espontânea, e a escrita você adquire com o tempo aprendendo. Fica evidente, que é preciso entender que existe uma distinção entre fala e escrita para poder diferenciar oralidade de letramento.

Observa-se, que a oralidade diz respeito a todas as atividades orais do dia a dia, e as atividades do letramento dizem respeito aos mais variados usos da escrita,

incluindo em especial as pessoas que são analfabetas. Em outras palavras, a oralidade faz parte da sociedade que não precisa de escolarização para saber, o letramento abrange a leitura e escrita nos seus amplos fatores sociais.

Marcuschi (2007) quando se trata da escrita, relata que diferente da oralidade, ela é um domínio da realidade em relação do saber e da cultura, como também é uma forma de dominação social. Ou seja, a escrita é o avanço do conhecimento, e embora seja totalmente exigida atualmente pela sociedade, percebe-se que ainda não está bem distribuída a ponto de todos usufruírem de suas vantagens.

É importante salientar que além das vantagens que a escrita pode dar na sociedade moderna, o autor destaca a importância do saber popular, esse saber que é incluído a oralidade, na qual, apesar do avanço tecnológico, obrigar a pessoa dominar uma escrita e leitura formal para sobreviver, a oralidade materna seja respeitada, pois, o letramento vai tratar também dos ensinamentos que um povo dá, de uma cultura.

O autor ressalta que as práticas de letramento se dão de modo complexo, vindo de um domínio baixo até o domínio alto. Por exemplo, o uso da escrita depende da necessidade de cada indivíduo, já que há pessoas que moram a vida inteira na cidade sem precisar aprender a usar a escrita de modo mais formal, já outros para trabalhar em tecnologia, ou tirar habilitação, devem por obrigação aprendê-la.

O letramento tendo como base a escrita, é muito mais do que uma tecnologia, ela é um bem social indispensável para o dia a dia. Todos tão envolvidos da escrita precisam ler, precisam escrever, e precisam entender além da escrita. É por esses motivos que o ser humano entende a escrita e leitura nas práticas sociais como questão de sobrevivência (MARCUSHI, 2007).

Pode-se dizer dessa maneira, segundo Marcuschi (2007), que a oralidade como prática social vai se desenvolvendo no dia-a-dia do indivíduo, e o letramento se desenvolve também no cotidiano, mas por grande parte, ela se desenvolve na escola, no processo do aprender, na qual ela é enviada ainda criança, para desenvolver essa capacidade com os professores ensinando.

O que fica notório nos argumentos do autor supracitado é que a oralidade e letramento se associam em alguns aspectos, como nas práticas sociais, por exemplo, as duas desenvolvem essas competências de ler e escrever também sem

precisar passar pela escola, e as habilidades que são de suma importância, são mais desenvolvidas ainda.

Nesse sentido, é possível analisar que o letramento é uma expressão que está sendo usada para os vários modos de apropriação da escrita como prática social, não apenas como forma gráfica. Que a sua prática no contexto social possibilita níveis de letramento não somente avaliados dentro da sala de aula, mas também fora da escola.

2.3 NÍVEIS DE LETRAMENTO

O letramento conforme Soares (2009) quando entendido de forma múltipla, forma dimensões, possibilitando explicar o entendimento da palavra "letramentos", no plural. Quando esse termo se associa com as práticas sociais, está envolvendo a escrita e leitura no cotidiano do ser humano e no âmbito escolar. Assim, vale se aprofundar melhor no indivíduo que tem um menor grau de escolaridade, até um grau maior.

É notório que quanto mais a sociedade vai se tornando rígida ao impor uma escrita e leitura mais culta, o nível de letramento de um indivíduo precisar aumentar também. Uma pessoa para poder trabalhar inclusive como porteiro, por exemplo, necessita de um nível de letramento maior, já que poderá ler bilhetes, anotar recados e com isso precisa atender as demandas da sociedade.

Como nos informa Tfouni (2006), na sociedade existem "graus de letramentos". Se de um lado a sociedade vai se modernizando e exigindo um grau de letramento maior, a partir da escolarização, de outro, tem-se o nível individual aonde não dependem da escolarização, pois aprendem nas suas práticas sociais. Então, pode-se considerar que pessoas "letradas", vindo do termo letramento, seria quem sabe ler e escrever, e, portanto, "iletradas" seria o termo dado para pessoas com o termo de "analfabeto".

Percebe-se que o letramento envolve uma gama de conhecimentos, valores, capacidades, usos e funções, fazendo seu conceito ser associado conforme Soares (2009) com duas dimensões: a social e a individual. Cada dimensão envolve uma definição de letramento, dessa maneira, entende-se o porquê das definições de letramento muitas vezes se diferenciarem.

indivíduo no seu meio social. Sendo assim, o letramento passa a ser visto como dimensões que envolvem o indivíduo como um todo, no seu individual e social.

A primeira dimensão segundo a autora, é a dimensão individual em que o letramento é visto como um atributo pessoal, envolvendo dois processos diferentes: ler e escrever. Quando o foco se desloca para a dimensão social, o letramento é visto como um fenômeno cultural, um conjunto de atividades sociais que envolvem a língua escrita.

Desse modo, a leitura na dimensão individual é um conjunto de habilidades linguísticas e psicológicas, começando desde a habilidade de decodificar palavras escritas e se estendendo até a capacidade de compreender textos escritos. Na escrita o conceito sob o aspecto individual se difere, já que são habilidades iguais, porém é exigido outro nível de capacitação, como na habilidade de se atentar ao transmitir um significado para o leitor e organizar pensamentos a partir da escrita. Assim a leitura e a escrita são opostas, mas se complementam quando a escrita cria habilidades para o leitor.

Com a dimensão social o letramento é levado para as práticas sociais do indivíduo, e que não se torna apenas habilidades individuais, e sim habilidades sociais, na qual a escrita e a leitura, por sua vez, se encontram no cotidiano e envolvem o ser humano.

E Soares (2009) vem discutir relatando a versão “fraca” e “forte” do letramento, dentro da dimensão social. Em que a versão “forte” não seria útil para a sociedade, e sim para a valorização de uma cultura. A versão “fraca” do letramento para a autora estaria ligada na sociedade, nas exigências no uso da escrita e leitura em termos de habilidades necessárias para que o indivíduo funcione adequadamente em um contexto social.

Considera-se através dos argumentos, que o letramento é complexo, e ainda sim a complicação surgiria ao tentar encontrar um conceito para esse termo somente visto da dimensão individual, já que o indivíduo, por si se envolve nos dois processos como já citado anteriormente bastante amplo, como a leitura e escrita.

Percebe-se desse modo, que o letramento não seja apenas o uso das habilidades de leitura e escrita e sim o uso dessas habilidades para que o indivíduo pratique nas demandas que a sociedade impõe. Quando uma pessoa sabe ler e escrever, mas não usa essa habilidade no seu contexto social, como ler uma placa

escrever, mas não usa essa habilidade no seu contexto social, como ler uma placa antes de entrar em um restaurante, por exemplo, de certa forma não está praticando o que a sociedade exige.

Então, conforme observado, o letramento não pode ser visto somente como uma habilidade que a pessoa tem ou não, já que seria um equívoco avaliar pelo seu grau de escolaridade, pois pode ser comum uma pessoa ser formada, porém não praticar as habilidades de leitura e escrita no contexto social. É de suma importância observar como o indivíduo usa essas habilidades de leitura e escrita dentro da sociedade para assim chegar a uma conclusão, não apenas considerar o fato de que ele sabe ler e escrever e terminou sua formação escolar.

É possível considerar teses que são a favor da avaliação do letramento. E Soares (2009), destaca que a primeira ideia é o fato do letramento está associado com a globalização, com a modernidade. O segundo motivo seria para identificar os índices de letramento de um país e de regiões, relacionando-se com outros para se chegar a um resultado. A última ideia seria os resultados dessa avaliação do letramento, na qual a utilidade mostraria do que é preciso melhorar os índices.

Fica notório, que essas ideias a favor da avaliação do letramento se contradizem, já que, fica explícita a utilidade dessa ação, mas se pode ver que não se tem um conceito concreto ainda do termo letramento para poder avalia-lo. Então vale ratificar, que os níveis de letramento por uma parte são de base da escolaridade podendo chegar a um letramento igual a zero, e por outro, chegar por base social, na qual todo ser humano carrega um letramento.

Kleiman (2005) ressalta que o letramento não é um método para ser ensinado. Assim, o letramento não tem um método adequado para se medir ou avaliar os seus níveis, pois, quando se fala em letramento, se fala também em práticas sociais, e são essas práticas que o indivíduo usa durante seu cotidiano que vai formar o seu nível de letramento podendo ser, conforme Soares (2009), tanto social, como individual.

Com isso, avaliar o nível de letramento se torna complicado, porque envolve vários fatores, começando pelo individual, social, relacionando-se também com a economia, com a cultura, com o espaço, com a escolarização, etc. Saber o nível de letramento que determinado País ou região alcança, envolve também, as demandas da sociedade, o seu desenvolvimento, a sua modernização.

necessidades. Assim, através do contato com a escrita e leitura, é que vai determinar seu nível de letramento. Em outras palavras, todos os dias ao ler e escrever, o indivíduo participa do letramento, porém é necessário atentar-se que tipo de leitura e escrita é usado.

Marcuschi (2007) concorda quando se trata em ter cautela ao avaliar os níveis de letramento, já que eles são variados, podendo existir pessoas alfabetizadas com baixo nível de letramento, e pessoas sem alfabetização mais com alto nível de letramento. Isso, porque uns praticam muito a escrita e leitura, vivendo em uma sociedade letrada, frequentando bibliotecas, livrarias, lendo jornais, por exemplo, e outros se acomodando com o simples fato de só saber e ler e escrever.

O autor complementa argumentando, que é de interesse lembrar como a população menos letrada, incluindo também aqueles que são analfabetos, tem certo domínio em relação a escrita e um poder de distinguir situações, aonde ela é menos exigida e mais exigida. Assim, os graus de letramentos são estatísticas que devem ser analisadas minuciosamente, pois os letramentos são diversificados.

Justo e Rúbio (2013) quando falam de letramento, mostram que atualmente a questão desse, tenha tema sido colocada em evidência, já que, as demandas sociais de leitura e de escrita estão mudando rapidamente, observando que cada dia aparece mais exigências com relação ao nível de conhecimento e de elaboração desse processo.

Dessa maneira, observa-se que o processo do letramento vai tendo mudanças, vai se transformando a partir, da sociedade em desenvolvimento. Quanto mais, um país ou região se tornam globalizada, industrializada, modernizada, quanto mais cresce, mais é exigido um grau de letramento, na qual o indivíduo para viver nesse ambiente, precisa acompanhar a evolução da escrita e leitura.

Bagno (2002) afirma que se a função da escola não é “ensinar gramática” dentro das ideias tradicionais de gramática, então o letramento é que deve ser introduzido no objetivo de ensino de língua na escola, já que com esse ensino o aluno deveria adquirir um grau de letramento cada vez mais elevado, ou seja, desenvolver um conjunto de habilidades de leitura e escrita que faça o aluno fazer o uso maior e mais eficiente das capacidades adquiridas por ele.

Se tratando do mesmo autor, revela que saber as técnicas de ler e escrever não significa ter onde usá-las diariamente.

De nada adianta ensinar uma pessoa usar o garfo e a faca se ela jamais tiver comida em seu prato para aplicar essas habilidades. De nada adianta, também ensinar uma pessoa a ler e a escrever sem lhe oferecer ocasiões para o uso efetivo, eficiente, criativo, e produtivo dessas habilidades de leitura e escrita (BAGNO, 2002, p. 52).

Diante dessas considerações, o que fica esclarecido é que se o ensino pretende fazer com que o aluno aumente o grau de letramento, não é apenas suficiente que ele saiba ler e escrever, já que depois passará a aprender os exercícios gramaticais. É preciso que a sociedade ofereça condições para o desenvolvimento mais extenso e intenso de processo de leitura e escrita.

2.4 OS GÊNEROS DO LETRAMENTO

Entender o letramento de forma singular, é associar apenas um processo que ocorre dentro do âmbito escolar, porém, o letramento é um processo mais amplo que envolve o uso da habilidade de leitura dentro da sociedade, na qual o aluno se envolve com diversos contextos de atividade (casa, igreja, escola, cinema, supermercado, etc.).

Segundo Bagno (2002) é impossível falar de letramento sem mencionar o conceito dos gêneros textuais, podendo ser formas textuais estabilizadas, histórica e socialmente situadas, aonde não é de natureza linguística, mas sim sociocomunicativa. Perante tal conceito, o que se nota é que o ensino tradicional nunca considerou a variedades de gêneros que existem na sociedade, prestigiando somente aqueles literários.

Mas, pode ser visto que as diversas práticas de letramento utilizadas pelo indivíduo que ocorrem em diferentes locais, que fazem parte de um conjunto de gêneros que são de suma importância. E Mendonça (2015), conceitua gêneros como fenômenos de identidade sociais bastante amplas que são partes constitutivas da sociedade, ligadas às atividades humanas em todas as esferas. Através disso, os gêneros podem ser tudo que se lê, se ouve ou se produz, cotidianamente.

Quando se fala em gêneros dentro do letramento, Bagno (2002) ressalta afirmando que os gêneros precisam ter um papel intensificado dentro da sala de aula, aonde ao invés do ensino tradicional da decoreba de nomenclaturas, seria mais proveitoso aulas com leituras de materiais variados (jornais, revistas, entre outros), valorizando todos, e especialmente a literatura com alta escala.

Perini (2005) menciona que a gramática não é um dos meios para se chegar a ler e escrever melhor, o que faz o aluno a adquirir tais capacidades é escrever escrevendo, lendo, relendo e reescrevendo. Pode-se assim, observar que o método para o indivíduo adquirir um alto nível de letramento, é a prática constante de leitura e escrita, e isso inclui o estudo e uso de vários gêneros.

Quando os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) tratam desse assunto, afirma que os gêneros são fenômenos que ocorrem historicamente. Isso implica que com o passar do tempo os gêneros vão se modificando, a sociedade cria outras atividades ao longo da vida dando origem a novos outros, como é o exemplo de novas fontes de comunicações.

Percebe-se assim, que diante de vários gêneros existentes se amplia o conceito de letramento, fazendo com que a leitura e escrita se manifestem não apenas dentro da sala de aula, mas no dia a dia, e que mesmo que não seja ensinado por completo, já são vastos os números de gêneros existentes, mas que seja possível o conhecimento dos mais utilizados.

Val (2007) relata que ninguém confunde uma bula com uma carta, uma notícia de jornal com uma oração, um poema com uma entrevista. A autora se justifica, afirmando que é reconhecido por causa das características, das "espécies" de texto, aprendida na convivência social ou na escola, possuindo o saber de como cada uma delas funciona socialmente.

Os textos possuem características que diferem um gênero de outro, aparecendo em forma de narração, descrição, dissertação, etc. Essas características são as chamadas de tipologia textual, que por sua vez, se incluem dentro dos gêneros e que muitos confundem ao se deparar com esses termos. Com isso, não basta apenas saber o que são os gêneros textuais, mas também entender o seu interior enquanto "espécies" de textos.

Eles representam atitudes enunciativas diferentes (quero contar uma história, quero expor meu pensamento, quero descrever alguma coisa), que podem se articular num mesmo texto. Assim, o gênero *romance* – em que a atitude enunciativa básica é contar uma história – costuma apresentar passagens que descrevem os personagens e o cenário onde se desenvolve o enredo. Mas é também possível que um determinado romance inclua o discurso em que um personagem, candidato a prefeito da cidade, expõe sua plataforma política e procura convencer os eleitores a votar nele. Outro romance pode incluir receitas culinárias trocadas por determinados personagens, ou então a fórmula secreta de um veneno muito perigoso. Da mesma maneira, uma carta pode apresentar passagens expositivas, argumentativas, narrativas ou descritivas, entre outras (VAL, 200, p.19).

Ao observar os exemplos da autora, fica evidente que dentro dos variados tipos de gêneros, existem as tipologias textuais que não são características específicas apenas de um gênero, podendo ser composto de um ou mais tipos textuais.

Santos e Mendonça (2007) abordam sobre esse assunto afirmando que os gêneros podem apresentar outras sequências, não predominantes (a notícia pode trazer trechos descritivos das pessoas e do local em que o fato ocorreu, além dos trechos narrativos sobre o fato em si, e a lenda pode trazer trechos argumentativos, com um personagem tentando convencer outro).

Assim, fazer com que o aluno aprenda a narrar, a descrever, a argumentar, entre outros tipos de texto, apenas de modo geral, sem considerar o modo como se narra, se descreve ou se argumenta, nos vários gêneros, pode ser insuficiente para que o aluno domine a constituição de cada um deles.

Com os exemplos expostos, fica fácil entender que os gêneros se manifestam na sociedade a todo instante sendo muito numerosos, atendendo as necessidades de comunicação, e se renovam com o tempo devido a modernização. Enquanto as tipologias textuais são componentes dos textos e podem aparecer em diferentes gêneros, sendo mais estável.

Arcoverde (2007) concorda quando afirma que os gêneros são diversos, eles existem em qualquer lugar aonde haja linguagem, atividade humana. Ratifica ainda, a ideia que na vida há uma multiplicidade deles, porque também são diversas as esferas de produção da linguagem. Assim, no supermercado é possível ver vários tipos de gêneros, desde o panfleto que, em geral, se recebe logo que se entra no ambiente, bem como uma infinidade de placas, indicações de ofertas, letreiros, até a conta final que se recebe na caixa.

Conforme essas situações, na existência de variação de lugares que o indivíduo passa, sempre há gêneros em formatos diversos. Portanto, cada lugar diferente forma seus próprios gêneros, com características, finalidades e especificidade de texto.

Os gêneros que circulam nas diferentes esferas refletem o conjunto possível de temas e de relações nas formas e estilos de dizer e de enunciar. Nesse contexto, o enunciado constitui a unidade fundamental da língua e está sempre inscrito nas relações sociais, incorpora o estilo, composição e tema. Esses aspectos estão "indissoluvelmente" vinculados e se concretizam em forma de gêneros, sejam de esferas cotidianas (gêneros primários) ou de esferas mais complexas, formais e públicas (gêneros secundários) (ARCOVERDE, 2007, p.2).

De acordo com essa concepção, percebe-se que os diversos locais que os gêneros aparecem, formam esferas que se dividem em gêneros primários e secundários. Estes possibilitam entender o motivo dos gêneros começarem desde uma simples carta até uma tese científica, do mais simples ao mais avançado.

De modo geral, fica explícito que os gêneros textuais fazem parte do processo de letramento, e que os níveis desse processo são gerados a partir do uso de leitura que indivíduo faz no seu ambiente. Se o aluno vive em um meio onde ele tem contato com vários gêneros, de certa forma está participando do processo de letramento se tornando um leitor competente aumentando seu nível de letramento, sendo um indivíduo que não apenas conhece os gêneros, mas faz o uso deles.

Mendonça (2015) quando aborda sobre práticas de letramento, menciona os gêneros textuais que vão entrando em ação, fazendo com que a globalização venha a contribuir para o uso da habilidade de leitura, através dos textos impressos (livros, revistas, jornais), da utilização de aparelhos eletrônicos (celulares, videogame, DVD, notebook, tablet) de diferentes mídias (analógicas e digitais), do uso da internet e do computador com diversas funções. Tal mudança social impulsionou uma maior exigência para entrada e permanência no mundo do trabalho e também ao ingresso no ensino superior.

De imediato, é possível observar que os gêneros textuais são bastante complexos, envolvem fenômenos escritos de linguagem coloquial e formal. Assim, para formar um leitor competente, segundo os PCN (1997), é preciso que o aluno tenha uma prática constante de leitura de diversos textos que circulam no cotidiano, e ressalta ainda, que essa prática de leitura de diversos gêneros envolve todos na escola não apenas um público de determinada série.

Para melhor compreensão, é preciso entender que na sala de aula, o importante não é que o ensino seja aplicado da maneira em que o aluno venha a decorar o conceito de gêneros, a classificação, e nem basta apenas fazer reconhecê-los, mas é preciso ir mais afundo, fazê-los praticarem a leitura, ensinando ler os diversos tipos de gêneros, ensinando a redigirem.

Val (2007) se tratando dos gêneros dentro da sala de aula, menciona que se os gêneros são padrões e se organizam nas ações sociais de linguagem, desde as mais corriqueiras até as mais complexas, e muitos deles aparecem para o indivíduo no cotidiano, sem a mediação da escola, como por exemplo, (letras de músicas, revistas de signos, panfletos, etc.), o ambiente escolar tem benefícios, pois, o

educador já entra em sala de aula sabendo que o aluno possui o conhecimento de vários gêneros.

Após a argumentação da autora, é notório que os alunos chegam à escola dominando os gêneros orais da convivência cotidiana e que precisam aprender os gêneros escritos, sobretudo os públicos e formais. Para isso, é necessário um ensino mais amplo voltado para as práticas de leitura e escrita, que ofereça oportunidades de observar, analisar, redigir, fazer uma discussão e reflexão.

Deve-se dizer que, para realizar atividades com os alunos, o professor precisa não só visualizá-lo como usuário dos gêneros textuais, mas também prepará-lo para o avanço de modelos mais formais de gêneros, já que os jovens atualmente necessitam não só apenas o saber dos gêneros do cotidiano, mas também precisam adquirir uma competência de leitura e compreensão mais abrangente.

Mendonça (2015) diante desse assunto, afirma que as capacidades de compreender o que é lido e produzir textos são cada vez mais utilizados para avaliar os sujeitos, tanto ao longo do processo de escolarização, quanto para entrada no mundo do trabalho. O Exame Nacional de Ensino Médio (Enem), por exemplo, avalia as capacidades de leitura para os alunos que desejam ingressar em universidades e faculdades. Os concursos públicos avaliam os candidatos em diversos tipos de conhecimentos (matemáticos, gerais, gramaticais, históricos etc.).

Portanto, diferente das práticas de leituras cotidianas, em que a interpretação/compreensão não é necessariamente avaliada, os testes e exames aplicados individualmente trabalham não somente o ato de ler, mas a compreensão do que é lido de forma minuciosa, além da capacidade de verbalizar e articular informações diversas.

Com isso, em um ensino na qual o indivíduo não usa as habilidades de leituras e não compreende o que lê, os resultados dos programas ou sistemas de avaliação (escolares ou não) das competências e habilidades em leitura ou produção escrita, tendem a revelar que os jovens apresentam dificuldades e problemas para compreender, interpretar, estabelecer relações entre os textos etc.

É por esse motivo que se precisa ser trabalhado por todos os professores, durante toda vida escolar o uso diariamente de leitura dos diversos tipos de gêneros e a compreensão e interpretação destes, deixando claro que não é apenas mérito do professor de Língua Portuguesa e das séries iniciais, o dever de fazer os alunos usarem a habilidade de leitura, é dever também dos professores de outras áreas de

conhecimento, do próprio aluno em ter vontade própria de ir em busca de material escrito para leitura e também é papel dos pais fazerem seus filhos se sentirem atraídos por essa prática.

Diante disso, umas das questões a serem pesquisadas, é que, como os gêneros são bastante complexos, o aluno nem sempre vai se dar o prazer de procurá-los e usá-los em seu dia a dia, apenas se envolvem com práticas de leituras que são de fácil acesso (redes sociais). Começa assim, a partir dessa fundamentação, não a preocupação da capacidade de saber ler e escrever, mas da execução dessa habilidade na variedade de gêneros existentes, principalmente aqueles que vão melhorar o indivíduo como cidadão.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

O tipo de pesquisa é o primeiro passo que um pesquisador deve se atentar para um trabalho científico, pois é através desse que serão elaborados todos os outros procedimentos. Assim, Gil (2002) esclarece que é possível classificar as pesquisas em três grandes grupos: exploratórias, descritivas e explicativas.

As pesquisas que se optou para o desenvolvimento desse estudo são chamadas de pesquisas exploratórias.

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado (GIL, 2002, p. 41).

Pode-se dessa maneira, perceber que as pesquisas exploratórias envolvem levantamento bibliográfico e a prática do problema pesquisado possibilitando um trabalho com maior êxito.

Sendo assim, depois de delimitados os tipos de pesquisas utilizados para constituir esse estudo, foi realizada além da pesquisa bibliográfica a pesquisa de campo, viabilizando o acadêmico confirmar as ideias que possui. E, continuando no raciocínio de Gil (2002), a pesquisa ocorre racionalmente e sistematicamente, tendo o objetivo de dar respostas ao problema que foi exposto, e desenvolvendo-se por fases que vão desde o problema criado até a discussão dos resultados.

A pesquisa abordada nesse estudo foi primeiramente a bibliográfica. Para isso foram utilizados autores como: Carvalho e Mendonça (2006), Soares (2009), Bagno (2002), Marcuschi (2007), entre vários outros. Entretanto, o meio para obtenção desses materiais foi variado, estes foram pela compra de livros, acesso a bibliotecas, e livros em PDF cedidos pela internet.

Segundo Fonseca (2002) é exatamente assim que a pesquisa bibliográfica é realizada, sendo através de obras já lidas de autores, na qual elas são adquiridas por meio escrito ou eletrônico, e que qualquer trabalho científico é formado com base bibliográfica facilitando o pesquisador fazer um trabalho que já tem o conhecimento.

Em um segundo momento foi aplicado a pesquisa de campo, e Fonseca (2002), quando trata desse tipo de pesquisa revela que se caracteriza pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica, se realizam coleta de dados das pessoas, com o uso de diferentes tipos de recursos.

3.2 COLETA DE DADOS

Nessa pesquisa de campo realizada na Escola Estadual de Ensino Médio (Escola Pública Estadual) Prof.^a Maria do Socorro do Jacob, foi adotada uma abordagem quantitativa, que para Fonseca (2002), os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados, pois, como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa.

Quando se trata do delineamento da pesquisa o método usado para a abordagem quantitativa foi com a aplicação de questionários.

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado (GIL, 2008, p.121).

Portanto, a aplicação desse questionário foi fechada, com a escolha de uma alternativa dentre as que foram apresentadas numa lista, em que ocorreu durante o turno da manhã no 4º Bimestre do ano de 2016, em uma turma de cada série, que teriam que responder dez perguntas digitalizadas sobre a prática de leitura. Diante disso, foi possível analisar também que as três turmas de cada ano em que foi realizada a pesquisa, eram de turma da manhã, possibilitando que a pesquisa fosse mais acessível.

Quanto à definição da população, deu-se pela amostragem não probabilística, sendo de forma intencional, na qual a escolha das turmas na escola citada anteriormente pôde contribuir significativamente para a pesquisa, por já terem o conhecimento da importância da leitura no cotidiano.

Neste caso, a justificativa da pesquisa no Ensino Médio na turma do 1º, 2º e 3º ano foi a necessidade de analisar o nível de leitura do aluno, comparando cada série, e investigando se ele faz as práticas do letramento não somente dentro da escola, mas também no seu cotidiano por vontade própria.

3.3 AMBIENTE DA PESQUISA

O local de aplicação da pesquisa de campo foi na escola Estadual de Ensino Médio Professora Maria do Socorro Jacob, localizada à 4ª (quarta) Rua do Bairro da Floresta, que tem o funcionamento do Ensino Médio regular da 1ª a 3ª séries no turno da manhã, tarde e noite, sendo que a noite e tarde, há incluso a Modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) com 1ª e 2ª etapa.

É uma escola de porte médio construída em alvenaria com uma boa estrutura física. Em 02 de maio de 1995, ocorreu o primeiro dia de aula, sendo considerada essa data, sua fundação. Ao longo dos seus 21 anos de existência, a EEEM Maria do Socorro Jacob passou por três fases: pós-inauguração até o ano de 1998; de 1998 até 2004 fase de 2 regimes (Escola Estadual e Municipal) e de 2004 até os dias atuais atuando com o ensino regular de Ensino Médio.

A instituição estadual possui no seu ambiente um espaço grande que contém 03 pavilhões com 12 (doze) salas de aula, 01 (uma) secretaria, 01 (uma) sala de Educação Especial, 01 (uma) sala de professores, 01 (uma) sala de direção, 01 (um) depósito, 01 (uma) sala de técnicos em educação, 01 (uma) cozinha, 04 (quatro) banheiros, 01 (quadra) incompleta, 03 (três) dispensas, 1 (um) pavilhão no qual consta 02 (dois) laboratórios, sendo 01 (um) de informática e 01 (um) multidisciplinar, 01 (uma) biblioteca, 01 (uma) sala de base, e 01 (uma) sala de preparo composta de pavimentação.

Uma das missões da escola é educar homens e mulheres, integrando-os a sociedade, preparando-os para a educação escolar, o trabalho e práticas sociais. Para isso, desenvolve um trabalho coletivo e humanizado, a fim de ser reconhecida no município e restante do Estado, pela qualidade do ensino. O objetivo, enquanto instituição de ensino é ofertar aos alunos o melhor tratamento possível, um contexto na qual eles aprendam de forma significativa e possam exercitar e desenvolver todas as suas potencialidades.

Neste contexto a escola é responsável pela promoção do desenvolvimento cognitivo, social, psicológico, político e cultural do cidadão, cabendo a ela definir o perfil do sujeito que deseja formar, de acordo com a sua visão de mundo, homem e sociedade. Além disso, tem a incumbência de definir as mudanças que julga necessário promover na sociedade, através de ações que irão colaborar para a formação do cidadão.

Quando se discutiu que nome dar ao Estabelecimento de Ensino, um dos nomes aceitos foi o de Maria do Socorro Jacob, uma professora que atuava na educação pública estadual há muitos anos. Inicialmente, ela desenvolveu suas atividades profissionais na Vila de Pimental e depois, solicitou sua remoção para a cidade de Itaituba, onde trabalhou na Escola Estadual Gaspar Viana e, posteriormente, em função de uma doença cancerígena, veio a falecer.

Em vida, a professora foi uma pessoa muito dedicada ao seu trabalho, admirada e respeitada pela sua relação de amizade, pela sua responsabilidade, bem como pelo seu companheirismo. Sua atividade sempre esteve relacionada ao saber, ao conhecimento, ao desenvolvimento das potencialidades individuais e coletiva, à maturidade e a construção do processo de cidadania.

A escola possui anexos, mas na sede que foi realizada a pesquisa funciona os três turnos como mencionado anteriormente, com o seguinte quantitativo de alunos, conforme a diretora da escola: MANHÃ: 08 (oito) turmas - 320 (trezentos e vinte) alunos; TARDE: 08 (oito) turmas - 313 (trezentos e treze) alunos; NOITE: 06 (seis) turmas - 214 (duzentos e catorze) alunos, somando um total de (847) oitocentos e quarenta e sete alunos.

Perante essas informações cedidas pela diretora da escola, o ambiente de pesquisa foi escolhido pelo motivo de obter o Ensino Médio, e de estar nas proximidades da casa da pesquisadora, além deste já ter o conhecimento dos funcionários da escola e ter concluído todo o Ensino Médio nesse ambiente, o que possibilitou uma pesquisa com mais qualidade.

3.4 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Os entrevistados desta pesquisa são 100% do turno manhã, e apresentam-se, em grande maioria (63%) do sexo feminino (F), sendo que entre estes, 21% fazem parte da turma do 1º ano, 27% fazem parte da turma do 2º ano, e 15% fazem parte da turma do 3º ano. Do sexo masculino (M), foi verificado que apenas (37%) faziam parte dos entrevistados, sendo 7% do 1º ano, 17% do 2º ano e 13% do 3º ano, conforme o gráfico a seguir:

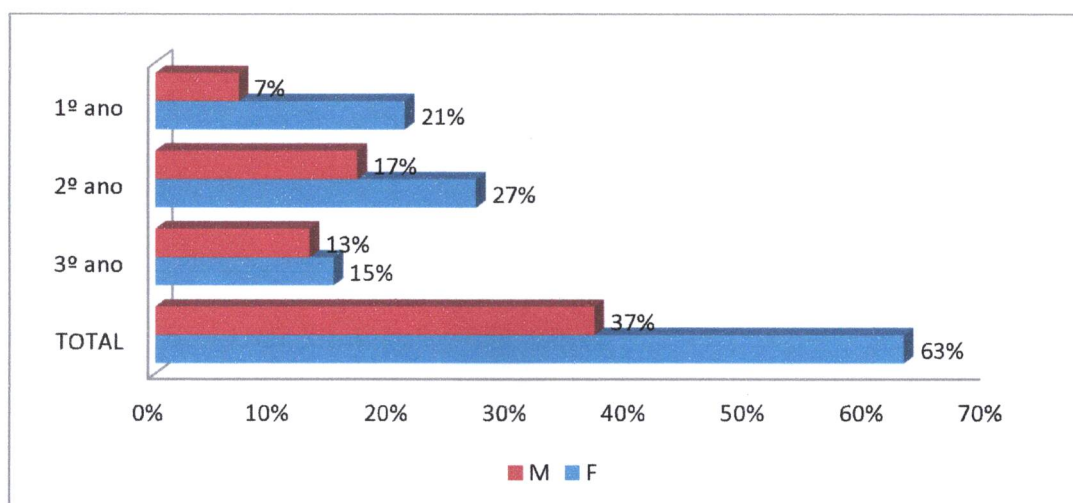


Gráfico 1 - Sexo dos entrevistados. Fonte: Elaboração da autora para este trabalho (2016)

Quando se trata da faixa etária de idade dos entrevistados, foi dividido entre 13-18 anos, 19-24, 25-30 e acima de 30 anos. Dessa maneira, a pesquisa mostrou que no 1º ano, (29%) tinham faixa etária de idade entre 13 e 18 anos. No 2º ano, apenas (1%) estavam na faixa de idade entre 19 e 24, e (42%) entre 13 e 18 anos. No 3º ano, (3%) faziam parte da faixa de 19 e 24 anos, e (25%) de 13 a 18 anos conforme demonstra o gráfico abaixo.

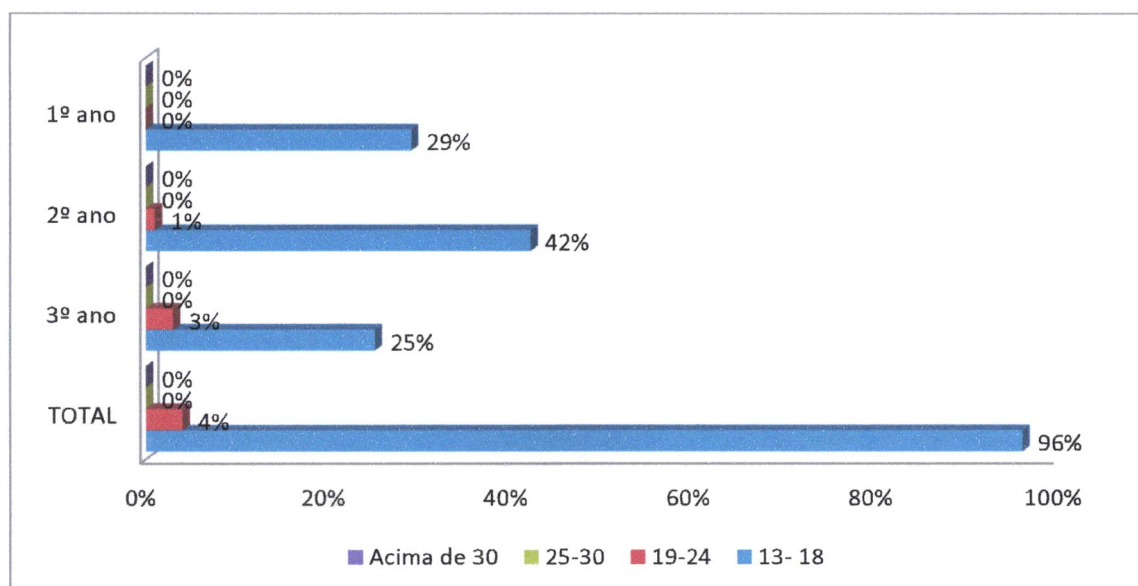


Gráfico 2 - Faixa etária dos entrevistados. Fonte: Elaboração da autora para este trabalho (2016)

Diante disso, percebe-se que no total (96%) tinham idade de 13 a 18 anos, e apenas (4%) correspondiam à faixa de 19 a 24 anos, mostrando que a maioria do público de entrevistados eram adolescentes.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

Para avaliar o grau de letramento dos alunos do 1º, 2º e 3º ano da Escola Estadual Prof.^a Maria do Socorro Jacob foi realizada a pesquisa de campo com a aplicação de questionários fechado. Esses questionários possuíam 10 (dez) perguntas, em que no 1º ano, 19 alunos responderam às questões, no 2º ano, 29 alunos, e no 3º ano, apenas 19 alunos, resultando em um total de (67) entrevistados.

A primeira pergunta do questionário é em relação do gosto pela leitura, pois muito se tem questionado, se os alunos leem para atingirem a nota das provas da escola ou leem por prazer, de livre escolha. Ao analisar, obteve-se o resultado no gráfico abaixo:

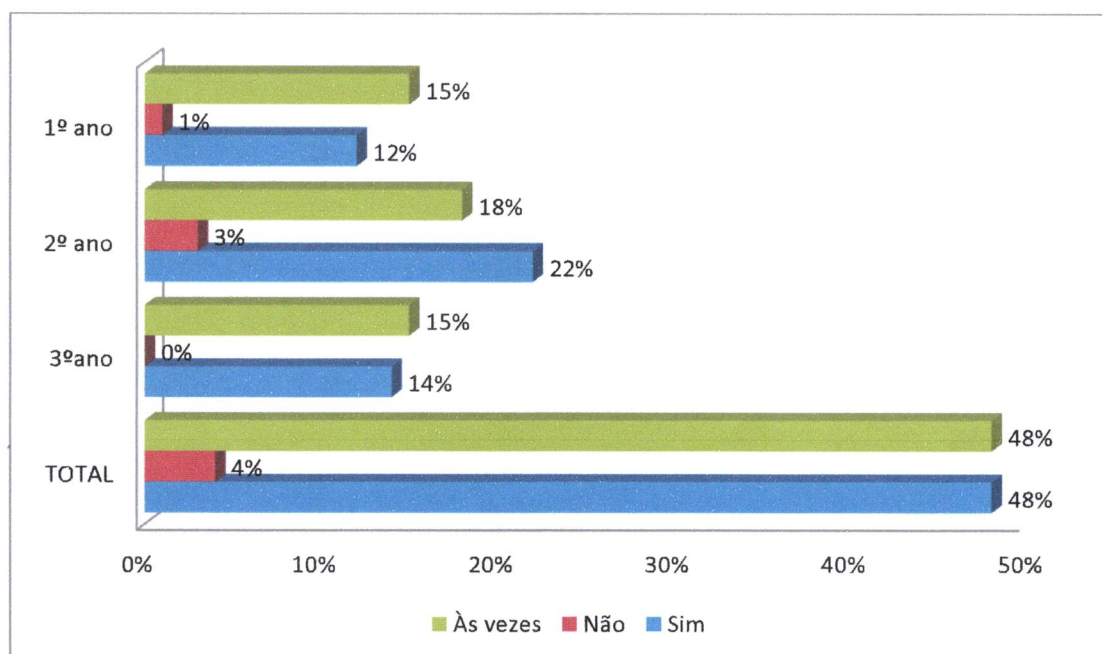


Gráfico 3 – Alunos que gostam de ler. Fonte: Elaboração da autora para este trabalho (2016)

Percebe-se que quando se trata do gosto pela leitura, (48%) dos alunos responderam que às vezes gostam de ler. Os outros (48%) responderam que gostam de ler, e apenas (4%) disseram que não gostam. Apesar de uma minoria apresentar que não gosta de ler, ainda sim se torna preocupante, pois, fica notório que o índice de alunos que gostam de ler ainda é baixo.

Conforme Cafieiro (2005) um dos desafios tem sido fazer com que a leitura na escola não seja uma atividade sem objetivo. Normalmente, o aluno lê em sala de aula porque é obrigado: lê para preencher o espaço de uma aula de Português, para fazer provas, responder a questionários das diversas disciplinas. Assim, o gráfico

representou o que se tem discutido: os alunos se acostumam com esse tipo de tarefa que não lhes dá prazer e o resultado nem sempre vai ser totalmente positivo.

Outro ponto que deve ser mencionado, é o fato dos alunos do 2º ano do Ensino Médio se mostrarem gostar mais de ler do que a série superior deles, mostrando que muitas vezes o nível de escolaridade não significa uma melhor aproximação com a leitura.

Quando os entrevistados responderam se frequentam as bibliotecas por vontade própria, seja da escola ou a pública, o resultado é alarmante:

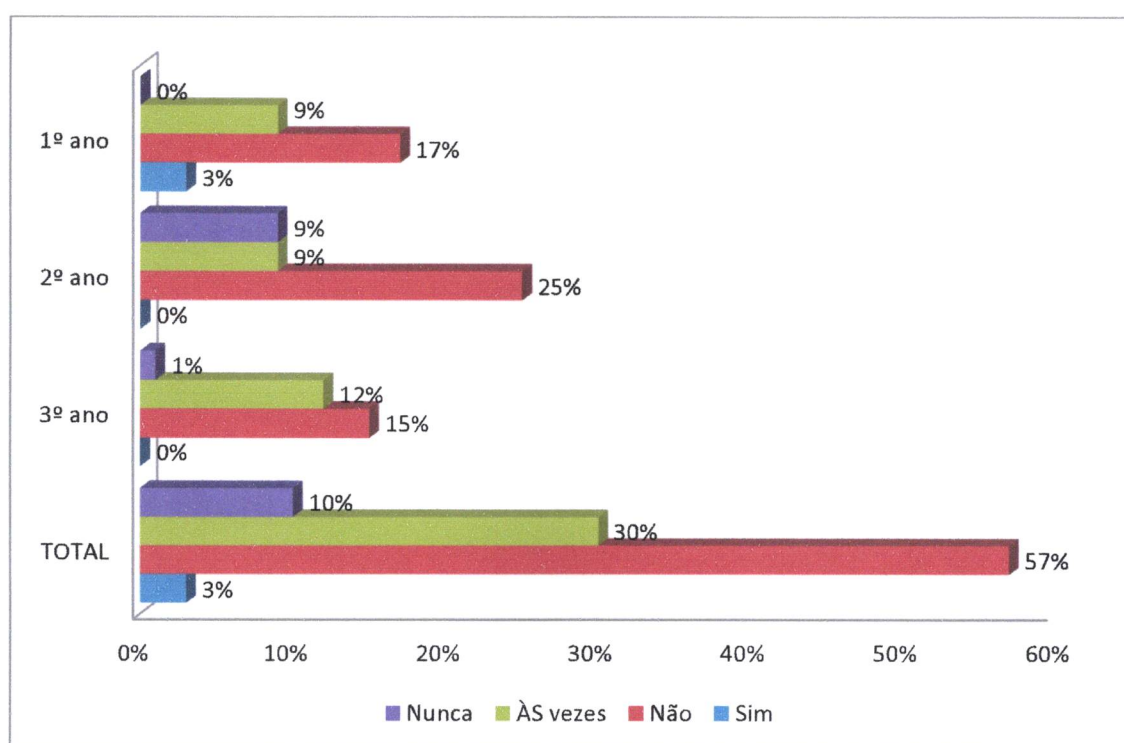


Gráfico 4 – Alunos que frequentam diariamente bibliotecas para locar livros por vontade própria.
Fonte: Elaboração da autora para este trabalho (2016)

O gráfico acima mostra que apenas (3%) dos alunos frequentam as bibliotecas por vontade própria. Isto revela de imediato que nem sempre leem por vontade própria, afirmando o que Cafieiro (2005) ressalta no seu estudo, que os alunos acreditam que ler é atividade mecânica, aonde o objetivo da leitura é puramente escolar, e que só é necessário quando os professores obrigam.

Os (57%) dos alunos responderam não frequentar as bibliotecas para locar livros, outros (30%) disseram às vezes, e (10%) afirmaram nunca frequentar. É possível observar ainda, que diante desse total, a preocupação se torna ainda maior pelo fato de somente a turma do 1º ano fazerem parte desses (3%) que frequentam

as bibliotecas, já que as séries superiores deveriam fazer essa prática mais intensa por justamente estarem prestes a concluírem e fazerem provas para entrarem nas faculdades.

Depois desses resultados, outro fator de interesse, é saber se esses alunos tem o hábito de lerem livros em casa, pois como observado anteriormente poucos locam livros por vontade própria. Portanto, tem-se o gráfico abaixo:

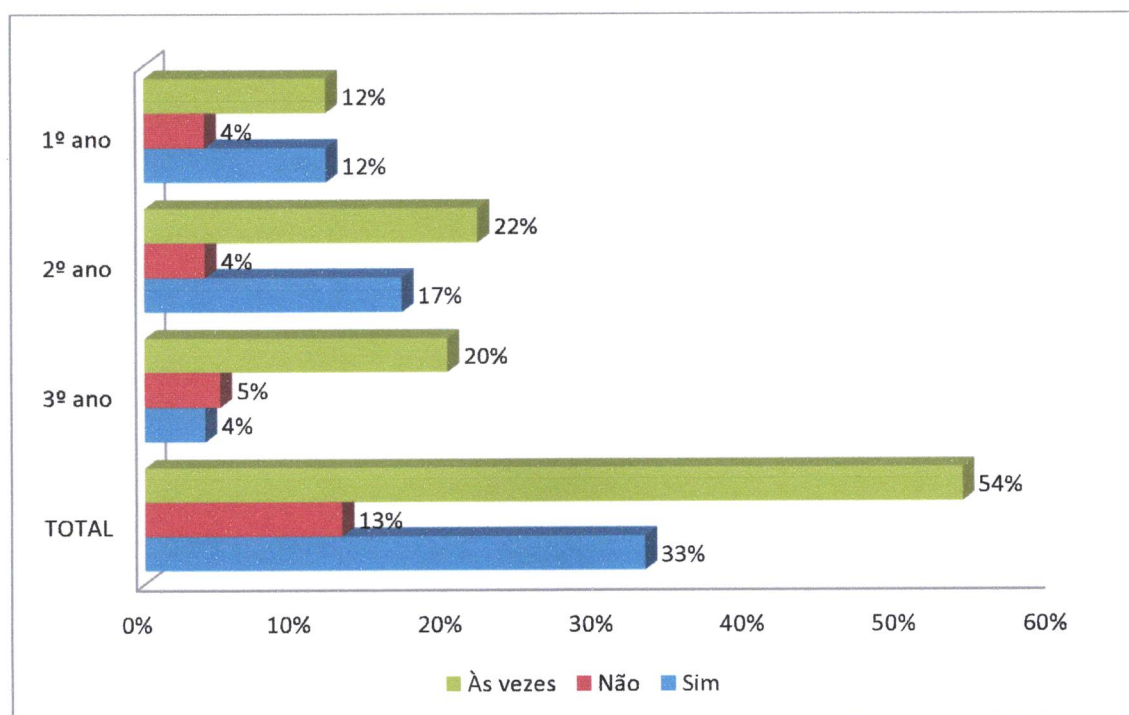


Gráfico 5 – Alunos que têm o hábito de ler livros em casa. Fonte: Elaboração da autora para este trabalho (2016)

Ao analisar o gráfico 5, observa-se que a maioria dos entrevistados, com total de (54%), afirmaram que às vezes leem livros em casa. Os que disseram ler faziam parte dos (33%), e (13%) revelaram não ler livros.

Considerando esse resultado, muitos alunos não pegam livros em casa para ler. Diante disso, Soares (2003) ressalta que um dos grandes problemas é que existem pessoas que se preocupam somente com alfabetização, sem se preocupar também com o contexto social em que os alunos estão inseridos.

De outro lado, Borges, Assagra e Alda (2010), em um país como o Brasil, já que muitas pessoas ainda têm dificuldade de acesso a livros, jornais, revistas e outros materiais de leitura, a escola acaba sendo um dos únicos espaços em que esse acesso pode ser facilitado.

Dessa forma, a pergunta feita para os alunos se mostrou útil para saber se eles além de alfabetizados fazem a leitura de livros em casa, já que a escola, além de alfabetizar, precisa dar as condições necessárias para o letramento, não adianta obriga-los a fazerem uma leitura dentro da sala de aula se fora do âmbito escolar não praticam essa habilidade.

Fora da escola foi necessário saber também se os alunos costumam fazer a prática de leitura com os gêneros que os cercam, pois, a leitura não é somente realizada dentro da escola como alguns pensam, mas também em todo ambiente social. O gráfico abaixo traz as respostas:

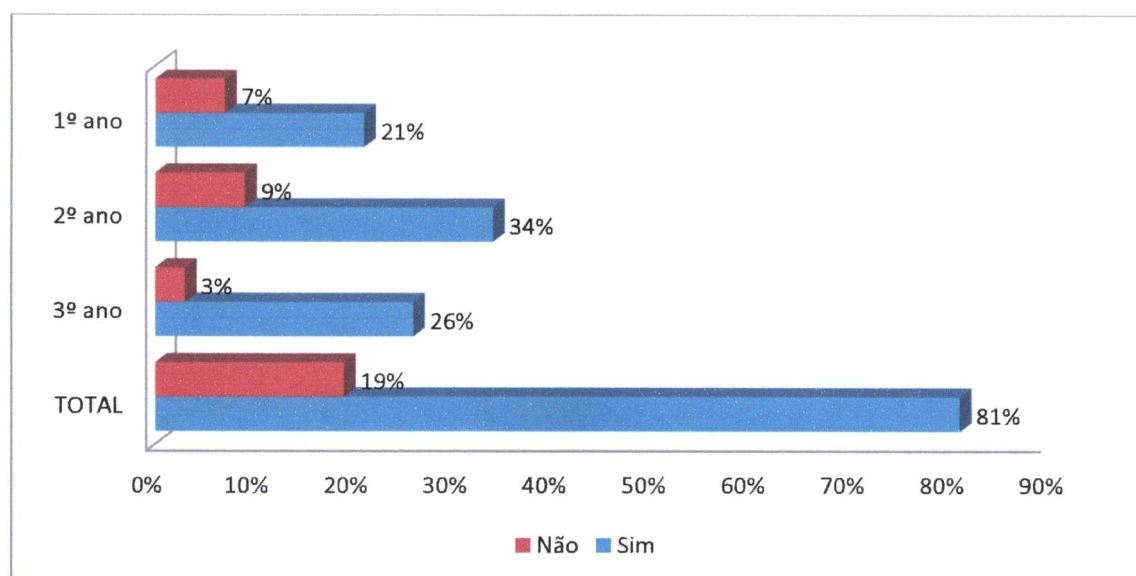


Gráfico 6 - Alunos que costumam ler a bula. Fonte: Elaboração da autora para este trabalho (2016)

No que se refere ao número de alunos que têm o hábito de lerem a bula, o resultado ficou dividido entre (81%) com sim, e (19%) com não. Contudo, o resultado foi satisfatório, revelando que os alunos do Ensino Médio se atentam em ler esse gênero que é de suma importância, pois tem função não apenas de fazer com que eles pratiquem a leitura, mas de protegerem a saúde.

Quando se fala na função desses textos escritos, Val (2007) concorda que os gêneros se caracterizam pela sua função, pela ação de linguagem que concretizam nos diferentes contextos sociais, e eles devem ser abordados na sala de aula para que os alunos aprendam reconhecê-los e usá-los sem ser por obrigação.

A partir disso, a pergunta realizada mostrou que apesar da maioria fazer o uso dessa leitura, ainda é preciso se atentar para os (19%) que relataram não ler, já

que, os educadores muitas vezes ignoram essa minoria por se contentarem com o resultado positivo.

Um dos suportes que abrange vários gêneros é a internet, e diante disso, a próxima pergunta feita foi em torno da leitura de e-mails, verificando se esses alunos tem contato com as novas tecnologias conforme o gráfico.

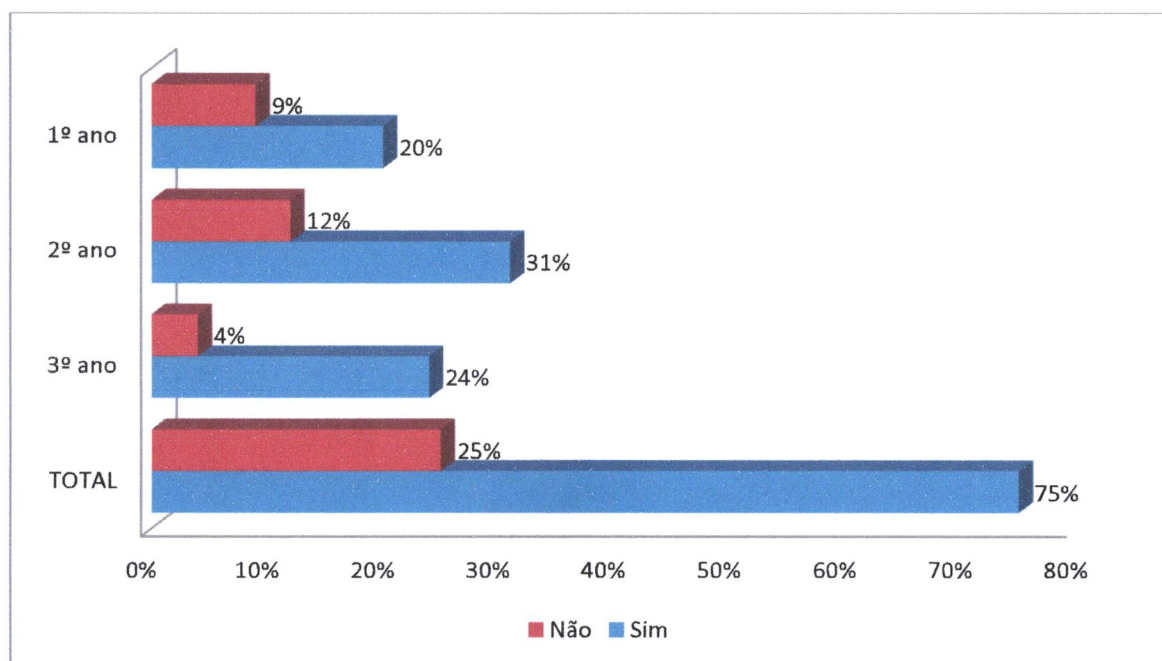


Gráfico 7 - Alunos que já leram algum e-mail enviado pela internet. Fonte: Elaboração da autora para este trabalho (2016)

Verifica-se diante do resultado acima, que (75%) dos entrevistados responderam sim e (25%) responderam não com relação a pergunta feita sobre a leitura de e-mail enviado pela internet. À vista disso, ficou nítido que os alunos se envolvem com as tecnologias, já que como o mundo vai se modernizando, tem-se uma demanda mais alta de conhecimentos.

Para Mendonça (2015), como os gêneros são históricos e dinâmicos, eles podem se misturar e serem utilizados nas mais diversas situações de interação entre os humanos ao longo da história. A carta e o telegrama já foram gêneros bastante utilizados em determinado momento histórico, dando origem a diversos outros como o *e-mail*.

Percebe-se assim, que é de suma importância que o aluno se envolva nessa fonte de tecnologia e saiba reconhecer a leitura de e-mails, para tanto, a sociedade modernizada impõe o aluno a fazer trabalhos de escolas e faculdades, trabalho

profissional, compras e vendas tudo atualmente a parti da internet com envio de e-mails e várias outras funções.

Outro fator a ser questionado é a leitura de textos grandes, seja ele qual for o gênero muitos alunos quando se deparam, deixam de ler logo de início por preguiça, e quando leem é sempre por obrigação para assuntos de provas que a escola impõe. Diante disso, o gráfico abaixo vem mostrar se essa realidade faz parte da vida dos educandos:

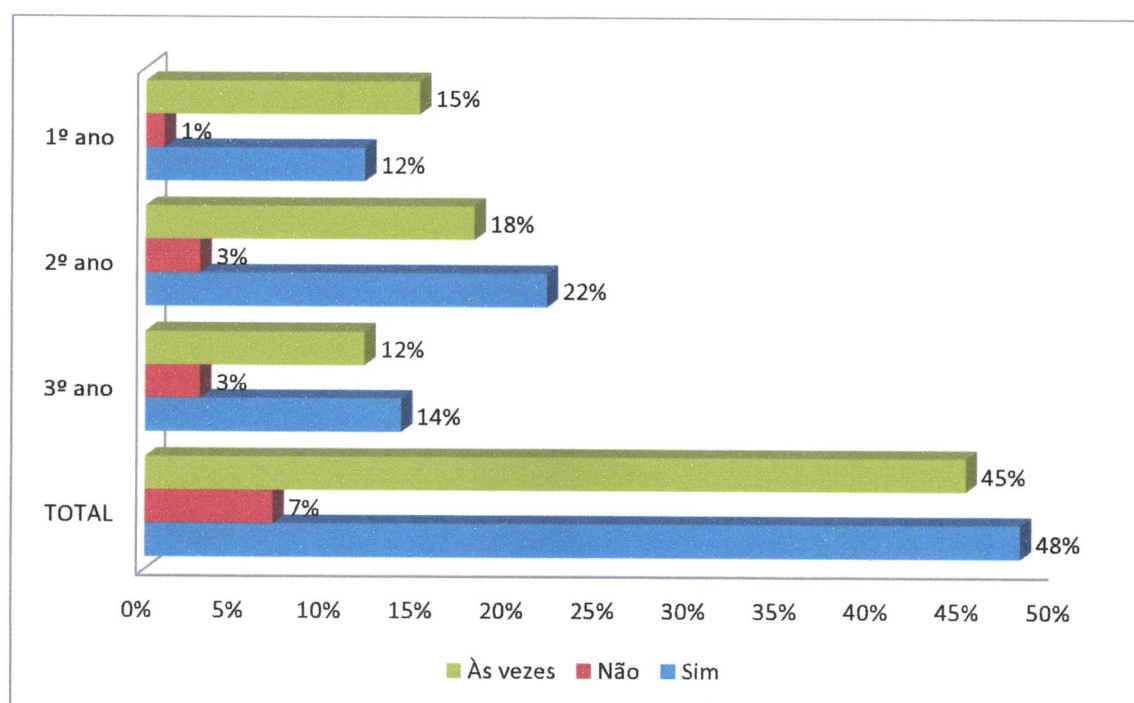


Gráfico 8 – Alunos que leem textos grandes por vontade própria. Fonte: Elaboração da autora para este trabalho (2016)

Esses dados revelam que os alunos da escola em que foi realizada a pesquisa nem sempre leem textos grandes por vontade própria, já que como se observa, (45%) dos alunos responderam que às vezes leem textos grandes, (7%) responderam não ler, e (48%) responderam sim. Esses dados condizem com a falta de prática de letramento, principalmente de textos grandes como a literatura, por exemplo, pois muitos alunos só realizam essas leituras por obrigação.

Brasil (2006) afirma que concluindo o ensino fundamental, supõe-se que os alunos que ingressam no ensino médio já estejam preparados para a leitura de textos mais complexos da cultura literária. Assim, conforme essa informação os entrevistados já devem, por fazerem parte do público mais avançado, ter um envolvimento com leituras amplas, complexas, e formais, não somente com pequenos textos.

Quando os alunos foram questionados com a pergunta “você compreende o que lê?”, foi notório que muitos conseguem compreender o que leem, com resultado de (76%). Os outros (18%) revelaram que às vezes, e somente (6%) afirmaram não compreender. Observe no gráfico abaixo:

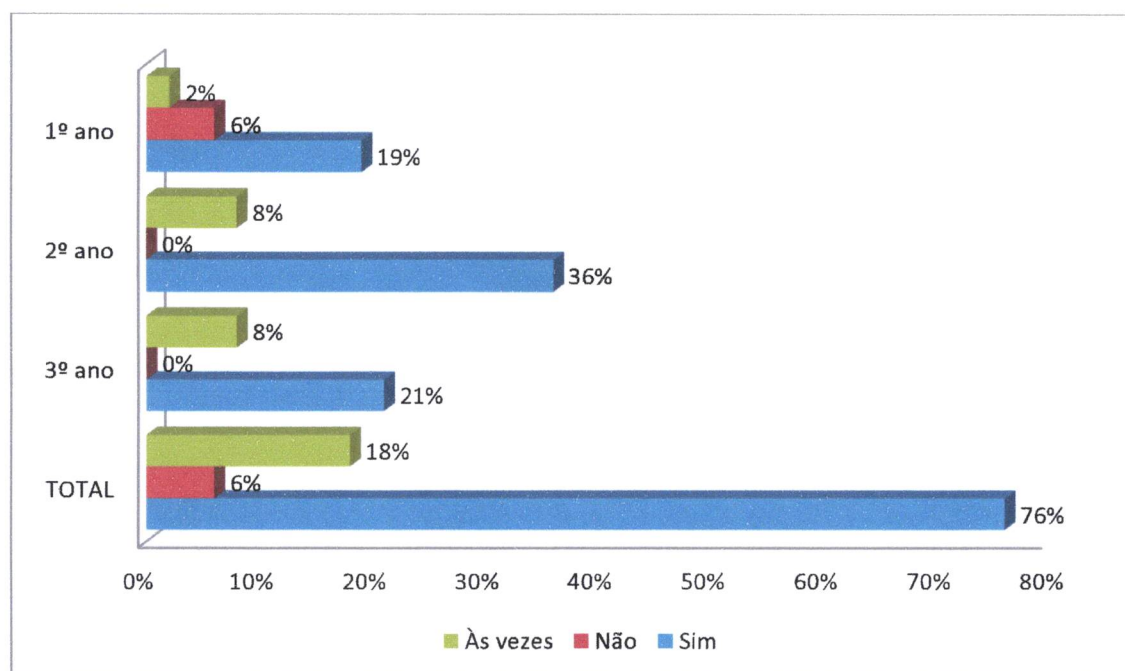


Gráfico 9 – Alunos que compreendem o que leem. Fonte: Elaboração da autora para este trabalho (2016)

Os (6%) que afirmaram não compreender o que leem, torna ainda sim preocupante, pois apesar de uma minoria quando se trata do Ensino Médio já deveriam ter uma competência maior sobre a leitura.

Segundo Sim-Sim (2007) a compreensão de leitura é afetada pelo conhecimento prévio que o leitor tem sobre o assunto e pelo conhecimento das palavras que surgem no texto. Portanto, a compreensão da leitura é um processo complexo que envolve o que o leitor conhece sobre a sua própria língua, sobre a vida, sobre a natureza dos textos a ler, isso inclui a importância de vários tipos de leituras.

Em relação sobre a leitura de receitas culinárias, conforme o gráfico a seguir, tem-se a questão se o aluno já tem o conhecimento de saber ler esse texto, percebendo a sua estrutura e reconhecê-la. Dessa maneira, quando se trata de práticas do letramento, fez-se necessário pesquisar a leitura desse gênero que possui uma linguagem própria nas receitas para fazer um determinado prato.

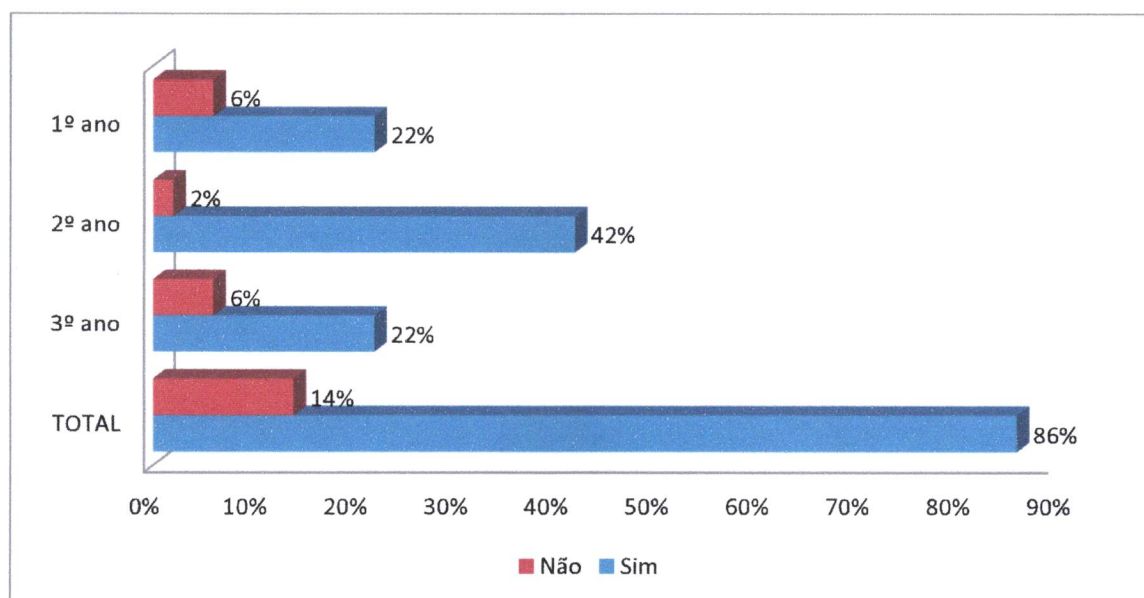


Gráfico 10 – Alunos que já leram alguma receita culinária. Fonte: Elaboração da autora para este trabalho (2016)

Com isso, observa-se que (86%) revelaram terem lido alguma receita culinária para preparar algum prato, e apenas (14%) responderam não terem lido. Para Mendonça (2015), se pode dizer que a maioria dos jovens usam a linguagem escrita em diversas situações para atingir diferentes objetivos. Dessa forma, como sujeitos produtores e consumidores de cultura, a leitura até mesmo da receita culinária tem sua importância, para tanto possibilita no conhecimento na relação de outros textos.

O próximo gráfico vem mostrar que além das leituras de receitas culinárias, a Bíblia também possui sua importância, pois nela contém textos que ajudam o desenvolvimento do aluno, possibilitando até mesmo uma linguagem formal.

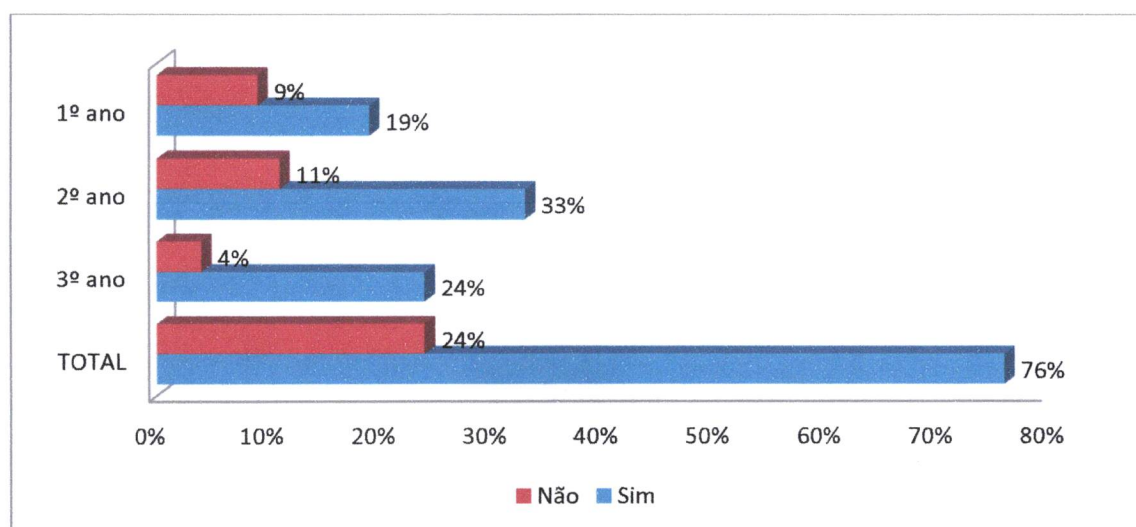


Gráfico 11 – Alunos que já leram trechos da Bíblia em voz alta. Fonte: Elaboração da autora para este trabalho (2016)

Ao analisar os resultados do gráfico acima, é possível observar que a maioria corresponde a (76%). Estes já fizeram o uso de leitura da Bíblia em voz alta para mais de 05 (cinco) pessoas, e apenas (24%) não realizaram essa prática.

Foi especificada uma leitura em voz alta pelo fato desta aprimorar a oralidade, já que, conforme os PCN (1997) a leitura diária ocorrendo de forma silenciosa ou em voz alta para um grupo de pessoas, possibilita uma competência melhor sobre a escrita, leitura, oralidade e compreensão.

Diante disso, o resultado mostrou que os alunos se envolvem nessa prática de leitura com a Bíblia em voz alta para um grupo de pessoas, fazendo perceber que eles estão realizando a prática do letramento nessa esfera.

Para finalizar, o próximo gráfico vem mostrar os dados do que os alunos fazem durante o tempo livre, pois como foi visto durante todo o estudo a prática de letramento nem sempre é tida como prioridade para muitos educandos.

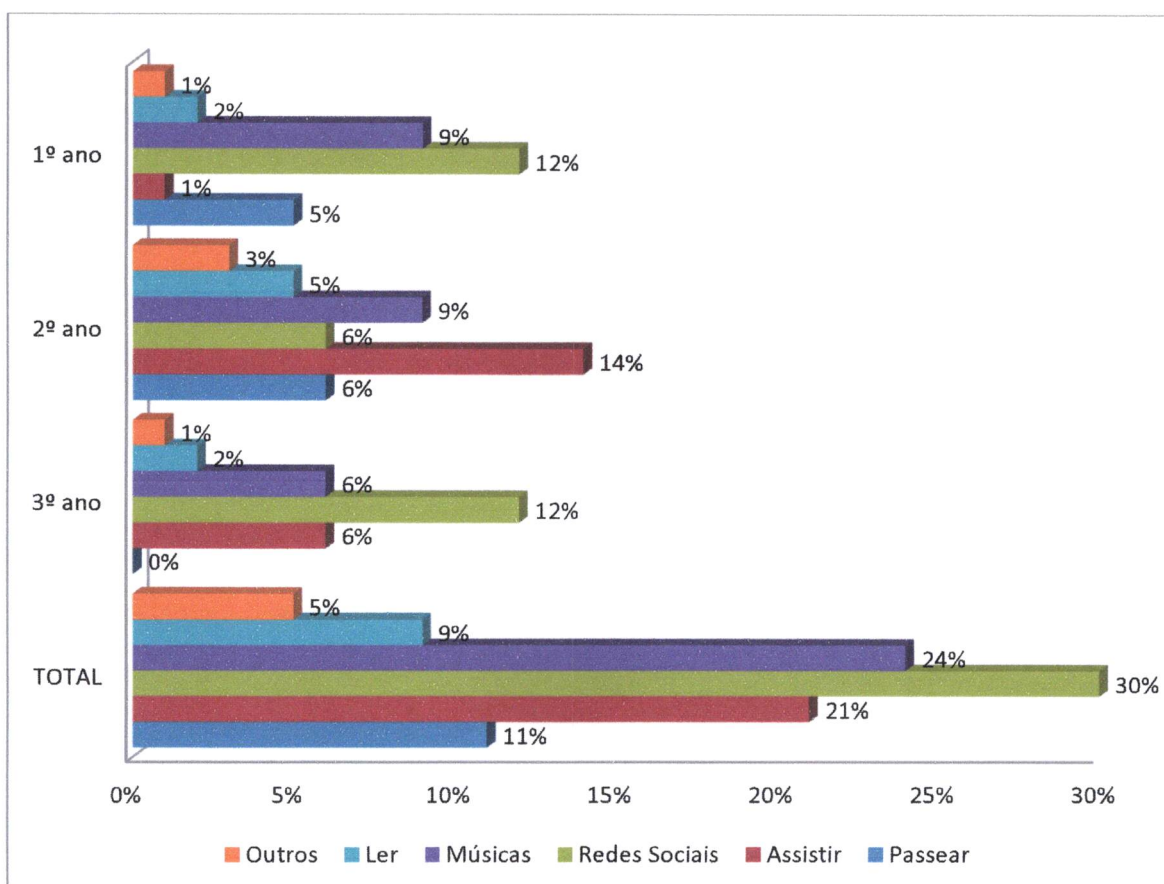


Gráfico 12 – Durante o tempo livre dos alunos. Fonte: Elaboração da autora para este trabalho (2016)

Os dados obtidos mostraram que durante o tempo livre dos alunos (30%) destes ficam nas redes sociais, (24%) revelaram ouvir músicas, (21%) assistiam TV,

(11%) saiam para passear, apenas (9%) fazem leitura de livros, revistas ou jornais, e (5%) responderam outros, como beber, ir para igreja e ir namorar.

Percebe-se assim, uma faixa de apenas (9%) fazerem uso da leitura, isto revela que poucos no seu tempo livre fazem a prática de leitura que tanto se tem questionado. Conforme Borges, Assagra e Alda (2010), além de alguns gêneros nem sempre estarem disponíveis no ambiente escolar, promover a leitura crítica entre estudantes, especialmente de Ensino Fundamental e Médio, esbarra em outro fator: a falta de tempo.

Dessa forma, fica provado que muitos dos alunos responderiam que não leem por falta de tempo, mas na verdade, poucos quando tem esse tempo livre procuram ir fazer uma leitura prazerosa para enriquecer os seus conhecimentos.

5 CONCLUSÃO

O tema tratado já era de conhecimento, já que durante a realização do curso de Licenciatura Plena em Letras, foram abordadas várias vezes obras de autores que citavam o problema de muitos alunos não fazerem o uso de leitura na sua vida cotidiana. Com isso, obteve-se um interesse maior por saber se essa realidade fazia parte do Ensino Médio, um nível em que os alunos já são obrigados a ter uma competência maior sobre leitura.

Com o estudo mais aprofundado desse trabalho, a fundamentação teórica foi de suma importância para conhecer as visões de vários autores, que diante de alguns momentos, discordavam e concordavam com ideias. Assim, concedeu também, um conhecimento sobre assuntos que até então eram desconhecidos, e que contribuiu para o saber da pesquisadora.

Tratando das obras dos autores, alguns abordaram o tema com maior relevância, como Magda Soares, por exemplo, em seu livro "Letramento: um tema em três gêneros", que realizou estudos que relacionavam de forma completa o tema discutido, além de utilizar uma linguagem acessível para que se compreendesse melhor e chegasse a uma conclusão do problema debatido.

A metodologia adotada com a pesquisa bibliográfica e de campo proporcionou um entendimento por completo sobre o letramento, pois não apenas se conheceu os problemas por escrito, como se teve a oportunidade de investigá-los no ambiente em que os sujeitos participavam de forma direta. Dessa maneira, a metodologia colaborou para uma experiência única de estudo com sua prática.

As perguntas realizadas para os alunos do Ensino Médio no ambiente da pesquisa responderam as questões norteadoras que se queria chegar, confirmando o que a fundamentação teórica tratava durante todo o texto. Portanto, o estudo se mostrou útil para a sociedade, de uma forma que apontou o baixo índice de leitura entre os jovens.

Conclui-se dessa maneira, que o trabalho realizado contribuiu para mostrar que a leitura precisa ser intensificada por toda vida do aluno, e que os pais, os professores precisam se atentar não somente em inserir essa prática, mas de fazer que o educando venha sentir prazer, já que obrigá-lo não vai resolver o problema que a cada dia cresce assombrando a educação brasileira.

REFERÊNCIAS

ARCOVERDE, Maria Divanira de Lima. **Leitura, interpretação e produção textual.** – Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2007.

BRASIL, Ministério da Secretaria de Educação Básica. Rio da Educação. **Linguagens, códigos e suas tecnologias: orientações curriculares para o Ensino Médio.** v. 1. Brasília, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa.** v. 2. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BAGNO, Marcos. **Língua materna: letramentos, variações e ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BORGES, Ana Gabriela Simões. ASSAGRA, Andressa Grilo. ALDA, Clarice López de. **Leitura: o mundo além das palavras /** Instituto RPC. Curitiba: Instituto RPC, 2010.

CAFIERO, Delaine. **Leitura como processo: caderno do professor.** Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (Orgs.). **Práticas de leitura e escrita** – Brasília: Ministério da Educação, 2006.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Gil, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa.** São Paulo: Saraiva, 2009.

JUSTINA, Eliege Wernke Niehues Delas. **Nível de letramento do professor: implicações para o trabalho com o gênero textual na sala de aula.** Linguagem em Discurso. Tubarão, v. 4, n. 2, p. 349-370, jan./jun. 2004.

JUSTO, Márcia Adriana Pinto da Silva. RÚBIO, Juliana de Alcântara Silveira. **Letramento: O uso da leitura e da escrita como prática social.** Revista Eletrônica Saberes da Educação. v. 4. n. 1, 2013.

KLEIMAN, Ângela Bustos. **Preciso ensinar Letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Cefiel/ IEL/ Unicamp, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Ângela Paiva. **Fala e escrita**. 1. ed. 1 reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MENDONÇA, Márcia. **Letramento em espaços educativos não escolares: os jovens, a leitura e a escrita**. São Paulo: Ação Educativa, 2015.

PERINI, Mário Alberto. **Sofrendo a gramática: ensaios sobre a linguagem**. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

_____, Magda. **Letramento e Alfabetização: as muitas facetas**. Trabalho apresentado no GT alfabetização, Leitura e Escrita, durante a 26ª reunião da ANPED. Poços de Caldas, MG, de 05 a 08 de outubro de 2003.

SANTOS, Carmi Ferraz (Org.); MENDOÇA, Márcia. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. 1.ed. 1. reimpr. - Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SIM-SIM, Inês. **O ensino da leitura: a compreensão de textos**. 1. ed. Lisboa/ novembro, 2007.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Perspectivas históricas e a-históricas do letramento**. Cad. Est. Ling. Campinas, (26): 49-62, jan./ jun. 1994.

_____, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo, Cortez, 2006.

VAL, Maria da Graça Costa. **Produção escrita: trabalhando com gêneros textuais / caderno do professor** – Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFGM, 2007.

APÊNDICE

APÊNDICE A: Questionário da pesquisa



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

Este questionário tem o objetivo de coletar dados do uso frequente da habilidade de leitura dos alunos, identificando se eles possuem o hábito de ler os variados tipos de gêneros e compreendê-los.

Questionário sobre a prática de leitura

PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Escola EEEM - Escola Estadual de Ensino Médio Profª. Maria do Socorro Jacob

Série: _____ Turma: _____

Sexo: () Masculino () Feminino () Outros

Idade: () 13 – 18 anos () 19 – 24 anos () 25 – 30 anos () acima de 30 anos

QUESTÕES:

1 Você gosta de ler?

() Sim () Não () Às vezes

2 Você frequenta diariamente bibliotecas para locar livros por vontade própria?

() Sim () Não () Às vezes () Nunca

3 Você tem o hábito de ler livros em casa?

() Sim () Não () Às vezes

4 Quando toma um remédio em casa, costuma ler a bula?

() Sim () Não

5 Já leu algum e-mail enviado pela internet?

() Sim () Não

6 Você lê textos grandes por vontade própria?

() Sim () Não () Às vezes

7 Você compreende o que lê?

() Sim () Não () Às vezes

8 Já leu alguma receita culinária com o objetivo de preparar algum prato?

() Sim () Não

9 Já leu trechos da Bíblia em voz alta para mais de 5 pessoas?

() Sim () Não

10 Durante o seu tempo livre você costuma:

() sair para passear () assistir televisão () ficar nas redes sociais ()
ouvir músicas () ler livros, revistas ou jornais outro



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA

CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA

Av: Dr. Fernando Guilhon (4º Rua), 895 Jardim das Araras – Itaituba – Pará

Diretoria Geral e Acadêmica : Ramal 25

Autorizado e Credenciado pela Portaria Mec nº 2557 de 16/09/2003

Telefone (093) 3518-4320 / (093) 3518-4319

Site : www.unifaitb.educ.br / email : fai@unifaitb.edu.br

REQUERIMENTO DE DIPLOMA

Adrielly Samara Leite

Aluno (a) do curso de Letras desta Instituição de Ensino Superior, vem requerer a Vossa Senhoria a expedição e registro do seu Diploma de Graduação, impresso em Papel Moeda, pelo qual pagarei a importância de R\$ 200,00 (duzentos reais) no ato do pedido.

Nestes termos
Pede Deferimento.

Local e data de solicitação : Itaituba, 16 de Agosto de 2018.

Adrielly Samara Leite

Assinatura do Aluno (a).

Endereço : 13ª rua jardim das Araras

Telefone: 991498849

e-mail : adrielly515@hotmail.com

Pra uso da IES :

Enviado à UFPA em -----/-----/-----

Retorno da divisão de Registro em -----

Retirada da Secretaria da Graduação em -----

Atenciosamente



Centro de Estudos Superiores de Itaituba - Ltda
FAI – Faculdade de Itaituba

DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA DO ORIENTADOR(A)

Eu, Maria Danielle Lobato Res, orientador(a)
de TCC do(a) acadêmico(a) _____,
do curso de Letras, com defesa de TCC realizada no dia
29/12/16, declaro que estou ciente de que o(a) mesmo(a) fez as devidas
correções em seu trabalho, após sua defesa, com base nas considerações dos
avaliadores, sendo estas as que julgamos indispensáveis.

Itaituba, 16 de agosto de 2016.

Assinatura